Regina Célia dos Santos

1290000282
FE
TCC/UNICAMP Sa59m

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na Unicamp: Memória do Curso de Jovens

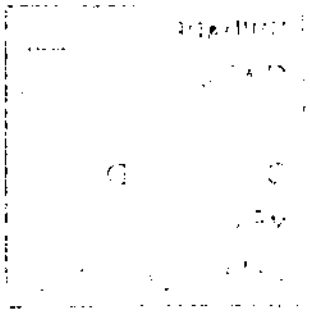
Campinas 2002

Regina Célia dos Santos

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na Unicamp: Memória do Curso de Jovens

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial
para conclusão do Curso de Pedagogia
da Faculdade de Educação, Unicamp,
sob orientação da Prof. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida
co-orientação da Prof. Dra. Maria do Carmo Martins.

Campinas 2002



Prof. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida
(Orientadora)

Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas
(2° Leitor)

Regina Célia dos Santos

1290000282
FE
TCC/UNICAMP Sa59m

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na Unicamp: Memória do Curso de Jovens

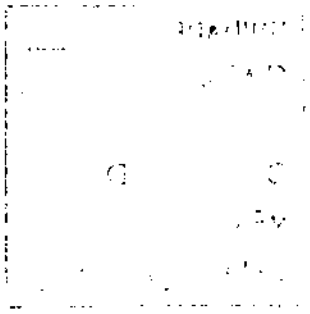
Campinas 2002

Regina Célia dos Santos

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na Unicamp: Memória do Curso de Jovens

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial
para conclusão do Curso de Pedagogia
da Faculdade de Educação, Unicamp,
sob orientação da Prof. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida
co-orientação da Prof. Dra. Maria do Carmo Martins.

Campinas 2002



Prof. Dra. Ana Maria Fonseca de Almeida
(Orientadora)

Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas
(2° Leitor)

© by Regina Célia dos Santos, 2002.

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA:
TCC-UNICAMP
Sa59m
V:.....EX:.....
TOMBO: 282
PROC.: 124/2003
C:.....D: x
PREÇO: 11,00
DATA: 05/11/03
Nº CPD: BC-d 310545

Catalogação na Publicação elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Sa59m

Santos, Regina Célia dos.
Movimento dos trabalhadores rurais sem terra na Unicamp : memória do curso de jovens / Regina Célia dos Santos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador : Ana Maria Fonseca de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Movimento dos sem terra. 2. Trabalhadores rurais - Educação. 3. Política e educação. 4. Jovens - Atividades políticas. 5. Política e educação. 6. Memória. I. Almeida, Ana Maria Fonseca de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-0116-BFE

Para meus pais;

meu pai, pelas idas constantes ao rural

minha mãe, por ser tão insistente na faculdade da vida

Agradecimentos

Agradeço as pessoas que estiveram nesta etapa da formação da minha vida, nestes anos de graduação,

"porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada"

(Guimarães Rosa, do livro Grande Sertão: Veredas, pg. 406) .

Aos funcionários da universidade agradeço sobretudo porque, quotidianamente, fazem a dinâmica de funcionamento desta universidade; Lavínia, Ioko e Gil da biblioteca. Adê, Célia, Hélio e Sinval da informática. Martinha, Regina, Ligia, Gildo, Dona Ana, Ivo e tantos outros da Faculdade de Educação que se mostraram além de competentes, prestativos e cordiais. E pela barriga cheia, aos funcionários do bandejão, restaurante universitário.

Aos professores agradeço pelo compromisso com nossa formação, mas especialmente agradeço por permitir as nossas inquietações e indagações, nos despertaram, ainda mais, para muitas questões, Bety Pompeu, Patrizia Piozzi, Neusa Gusmão, Maria Carolina, Regina de Souza, Heloísa Rocha, Helena de Freitas, Liliana, Maria da Adélia e Ana Lúcia Goulart.

Ao professor Léo, pela amizade e outros tantos ensinamentos.

E aos amigos e colegas do Movimento Estudantil por tantas questões à nossa formação política e humana; Larissa e Paulo, Marcelo, Uassyr, Magrão, Jane, Leticia, Marcela, Carol, Mateus, Tomi, Glaucia, Fabinho, Ana, Denis, Fernanda, Giovana,.... (e ainda faltam tantos). Dos projetos de extensão da moradia; Rosa, Marcão e Bel e Manu, Rosa, Daniel, Élcio, Shanti, Renata, Taísa ...

Da Faculdade pelo compromisso Jéssica, Mariana, Janussa e Fernanda, pelo trabalho coletivo no CAP , e pelas nossas reivindicações Rafael, Bety, Paty Ambiel, Juliana, Luana, Rosenanda, Renata e ....

Às companheiras da casa P13 da moradia estudantil, Rê, Paty e Si (sempre em movimento), e Carol Karula.

À turma 97 pelo convívio e debates calorosos, Simone, Paty, Célia Alexandra, Raquel, Lili, Paulo, Mônica, Mafê (Chioda pelo carinho e as trocas deste trabalho), Carol e Pri por partilharem sonhos e gostos comigo.

Ao Jânio por ser um romântico revolucionário.

Pelas contribuições neste trabalho, agradeço especificamente à Ana Maria, sempre interessada, estimulando-me na pesquisa, além das orientações valorosas pela ajuda ao encontro do tema deste trabalho.

E à Carminha por ser uma co-orientadora muito presente e orientações imprescindíveis. Ao professor Luiz Carlos pelo respeito e considerações na leitura atenta neste trabalho.

E a mais presente amiga, Adriana, cúmplice na minha trajetória de formação na universidade e na vida. E a Pri, mãe do pequeno Francisco, por sempre me deixar ainda mais indignada através do olhar da geografia.

Ao Renato Nucci, grande amigo de vida e militância, por se dedicar na leitura atenta deste trabalho, e ao João Zinclar pelas belas fotos neste trabalho e suas histórias recheadas de viagens.

Agradeço os funcionários da Assessoria de Imprensa da Unicamp pelo uso do arquivo de jornais, carinhosamente, Scarpa e Oséas, pelas fotos emprestadas com muita gentileza.

Agradeço ao amigo Durval pela ajuda com a " máquina".

Especialmente agradeço ao MST, motivo deste trabalho, pela sua existência, pelas pessoas que o representam, Nilton Vianna, Everton, João Paulo, Kima, Adir, Jorge, Fátima, Claúdia, Sérgio e aos dois grandes pedagogos por serem tão dispostos e comprometidos não só com a formação de tantos jovens sem terra, mas sobretudo com uma causa, uma pedagogia transformadora, Adelar Pizetta e Neuri Rosseto.

E aos jovens pelas suas entrevistas, sempre receptivos, e tesão pela revolução, Amanda, Domingos e Valmiran. E aos jovens da brigada Seguidores de Chê de Mato Grosso do Sul do curso em fevereiro de 2001.

E aos professores que concederam seus depoimentos, ao professor Guedes pelo empréstimo dos livros e disposição.

Às minhas irmãs, Maria e à Ana, por iniciar-me sempre na literatura e pela amizade e pelas trocas constantes agradeço aos meus irmãos pelo carinho e apoio Luiz, Júlio e César.

E à minha mãe pelo estimulo nos estudos.

E ao Marcos por ser tão compreensivo, companheiro e por tanto amor, este trabalho também lhe pertence.

Resumo

Esta pesquisa, Trabalho de Conclusão de Curso, teve como objetivo resgatar a memória do Curso de Jovens. Tal atividade se deu através de uma parceria entre a Unicamp e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, realizado nessa universidade, em julho de 1999.

Os depoimentos, obtidos através de entrevistas com uso de gravador, foi o principal recurso metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa. A partir dessas fontes orais resgatamos a memória do curso para além da dinâmica metodológica e do currículo desenvolvido. Os testemunhos de professores, de jovens, bem como de representantes do MST e da universidade nos mostraram como se deu o envolvimento das pessoas nessa iniciativa, os recursos que empregaram para tornar possível a sua realização, e os resultados alcançados com essa experiência.

Além das fontes orais, estudamos as matérias sobre o curso publicadas em jornais de grande circulação nacional e regional para aferir a maneira como essa experiência foi apropriada pelo discurso jornalístico de diferentes tendências. Verificamos que o discurso produzido pela grande imprensa, em sua maioria, veicula uma imagem de "banditismo" deste movimento social, demonstrando posturas contrárias a realização da parceria do movimento com a universidade.

" ...nós do Movimento acreditamos que os jovens dentro do Movimento Sem Terra não é, num tá tão distante, não é o futuro, mas que a juventude do Movimento Sem Terra hoje, ela é o presente ".[1]

[1] Fala de Amanda, umas das jovens que participaram do curso e que nos cedeu um pouco do seu tempo ao falar sobre o curso para essa pesquisa

Sumário

Memorial

1- Introdução 9

Aproximação do tema – problema da pesquisa 10

Porque o MST 13

Recursos Metodológicos 15

2- Curso: História de uma experiência 20

3- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra 26

4- Discurso da Imprensa sobre o curso 29

5- Discutindo/Analisando o curso, a partir das falas 33

A parceria 34

O Currículo do curso 43

A fala de alguns professores que participaram do curso 46

A fala de alguns jovens que participaram do curso 50

6- Considerações finais 55

7- Imagens dos cursos 58

8 - Referências Bibliográficas 65

Bibliografia Consultada 69

Memorial

"O sentido da existência humana consiste não somente em viver, mas ainda encontrar um motivo de viver"[1]

Trajetória ...

Ingressei na Unicamp em 1997, na Faculdade de Educação. Um ano agitado, pois ali estavam acontecendo discussões sobre a mudança do currículo de Pedagogia. Eu, uma caloura, como tantos outros ingressantes, tentava encontrar-me nesse processo junto aos outros estudantes que tinham participação no Centro Acadêmico de Pedagogia, ou ainda com aqueles que estavam participando dos debates acerca do nosso curso e do novo currículo.

Mesmo sendo acolhida pelos nossos colegas nas discussões, de forma a nos esclarecer sobre as muitas questões postas nos debates, ainda assim não tínhamos clareza a ponto de opinar e fazer escolhas. Alguns professores estavam dispostos a ouvir e dar um tempo para conversar e explicar sobre a imensidão do que era aquele debate, que questões eram aquelas, o que era currículo afinal. O problema era entender o por quê das mudanças e o que isso implicaria em nossa formação.

Eram questões que não entendíamos, porque não sabíamos certos conceitos. Currículo, por exemplo, deixou de ser somente um conjunto de disciplinas, para se tornar algo totalmente político, amplo e complexo, à medida que participávamos das discussões.

Os debates também eram tensos, alguns marcados por conflitos entre os professores e entre os professores e alunos. A proposta de extinção dos departamentos e a criação de uma câmara para gerenciar o currículo era uma proposta de alguns professores que estava inserida no conjunto da mudança curricular.

Não havia consenso na escolha do novo currículo. Professores e alunos estavam em dúvida se este novo currículo era o melhor para a nossa formação. Certos estudantes faziam críticas, mostrando-se contra o novo currículo e outros queriam mais esclarecimentos, uma vez que deveriam optar (sim ou não) pelo novo catálogo (98), isto é, pelo novo currículo. Uma exigência tanto dos ingressantes,

---

[1] Fiodor Dostoievsk

quanto dos estudantes que estavam " em curso", embora existisse uma forte tendência a nos persuadir a aceitar o novo currículo.

Em uma dessas discussões entre os professores e os estudantes, que geralmente ocorriam no Salão Nobre da Faculdade, muitas vezes tensas e conflituosas, lembro-me de um episódio em que Alexandre, aluno da turma do ano de 95, discutiu com a professora Olga da disciplina de Sociologia Geral dos calouros, isto é, nossa professora, porque ele fez uma crítica à professora Helena que era Coordenadora da Graduação de Pedagogia. A professora Olga a defendeu, desconsiderando a crítica do aluno sobre o currículo e a forma como estavam sendo encaminhadas as discussões para a mudança.

Assim foi a minha entrada na Universidade Pública, num ambiente que apresentava a mim a vida política, impulsionando-me para a participação política, que se estendia desde a sala de aula até outros espaços da Universidade, como a Moradia Estudantil. Foram nesses diversos espaços, vivenciando os mais distintos processos educativos, que tive a certeza da relevância do ensino público como um direito a ser garantido e ampliado a todos com uma formação digna, humana e livre.

Um espaço público de ensino muito referendado pela professora Elizabete Pompeo em seus debates nas aulas de Sociologia da Educação. Ela defendia que este devia ser o espaço da diversidade, da diferença, da liberdade de expressão, de direitos de todos, portanto democrático. Um espaço que deve se contrapor às práticas educativas de um sistema totalitário e opressor, a exemplo do nazismo.

As discussões que fazíamos em sala de aula eram pautadas por leituras, das quais me lembro das reflexões do texto de Adorno, "Educação após Auschwitz". A garantia e expansão desse ensino público que desejávamos, e ainda desejamos, só irá acontecer quando se juntarem os esforços de todos, não só dos professores, mas também dos funcionários e dos estudantes, assim como de toda a sociedade civil, especialmente a classe trabalhadora que mais sofre com o descaso do poder público com a educação dos seus filhos. A luta, portanto, é maior porque vai além da educação. São esforços para mudar as estruturas econômicas e sociais deste país, distribuir as riquezas.

Quanto à participação política, destaco o movimento estudantil como um dos sentidos da minha formação. Atuei no Centro Acadêmico de Pedagogia 98/ 99, gestão "Pistrak" e 2000/2001, gestão "Ocupe seu Espaço". Atuei no Diretório Central dos Estudantes 2000/2001, gestão "Ocupando Espaço". Também foram

importantes outras participações, tais como na greve de 2000, o I ENU- Encontro Nacional Universitário em novembro de 2001 na Unicamp, o movimento de boicote ao Provão em junho de 2001, assim como do movimento pela manutenção da gratuidade e a volta da paridade na Coordenação do Programa da Moradia Estudantil, que foi extinta pelo CONSU em 15 de agosto de 2000. Os projetos de extensão também foram significativos, e foram criados em 1998, a partir de uma assembléia na moradia, porque desejávamos por em prática o que compreendíamos sobre extensão universitária e ainda transformar a relação constituída com a comunidade de Barão Geraldo, em volta da moradia. Estes foram momentos e espaços em que vivi as mais intensas práticas educativas nos processos de aprendizagem da minha formação universitária. Estar nestes espaços me fez despertar para a totalidade do que é a formação na universidade e num curso de formação de professores.

Especificamente o curso de pedagogia (porque a escolha de ser professora, advinha da possibilidade de transformar a sociedade através da educação, o que não considero uma ilusão) foi sobretudo uma escolha por um curso no qual eu poderia me engajar pela transformação social, uma opção pelo socialismo. E por isso me reconheço nas palavras do professor Florestan Fernandes quando esclarece sobre a sua escolha em ser professor:

> *" Queria ser professor e poderia atingir esse objetivo através de vários cursos. O meu vago socialismo levou-me a pensar que poderia conciliar as duas coisas, a necessidade de ter uma profissão e o anseio reformista de modificar a sociedade, cuja natureza eu não conhecia bem, mas me impulsionava"* (1994: 124)

Esses momentos deram sentido ao meu estar na universidade, porque a compreensão da existência humana nos é colocada quando lhe damos sentido, encontrando um motivo para viver. Nesses espaços de militância tomei consciência da minha classe, consciência do que me impulsionava, ainda, a ser professora e para quem ensinar.

Os "sentidos" se encontram em dois lugares: na moradia estudantil (porque é lá, com boa probalidade, que estão os 10% dos alunos da Unicamp que são oriundos de classe baixa) e no Movimento Estudantil também, um espaço de formação política, já que os nossos direitos são conquistados com muita luta. Como diria Rosa Luxemburgo, é nos Movimentando que fazemos com que a nossa voz seja ouvida e que sentimos as cadeias que nos prendem.

Pontuo os mais diversos espaços de formação, políticos e pedagógicos; as leituras dos textos, debates na sala aula e sobre as avaliações, tanto quanto nas reuniões, assembléias, as ocupações dos prédios durante as nossas manifestações na universidade e as atividades de caráter cultural; as festas, os filmes, as cirandas e as fogueiras na moradia, porque essas práticas educativas vivenciadas nos mais diversos espaços da universidade constituíram a minha formação e referendaram a minha opção por um curso de educação, essencialmente político, pelo curso de pedagogia.

Participar desses espaços foi um acréscimo para nossa formação, pois além de nos permitir compreender as implicações políticas e educativas envolvidas indiretamente na nossa formação, nos colocou no exercício da cidadania, além de possibilitar uma compreensão geral do espaço onde ocorrem as interações de ensino e aprendizagem e a compreensão destas relações.

Falar de existência requer mencionar os sentidos. Porque sempre fazemos escolhas. Um dos sentidos da minha existência (outra vez Rosa Luxemburgo) é a luta pela igualdade, por um sociedade economicamente igual, socialmente justa e humanamente livre. Uma sociedade onde todos possam gozar igualmente dos direitos sociais.

O curso de Pedagogia nos permite um olhar amplo sobre a educação para além do ensino. Portanto todo o processo político que vivenciamos no Movimento Estudantil é um acréscimo. Contestar o sistema capitalista, as políticas públicas de educação superior atuais (do governo federal e estadual) nos coloca no embate com as políticas públicas vigentes na universidade, as quais interagem com este todo, com um projeto, e expressam os interesses da classe dominante capitalista.

Atuar, contestar, construir, questionar, participar, envolvendo–se politicamente nos espaços em que estamos inseridos nos coloca um desafio de dar vazão às nossas utopias, os ideais e os conhecimentos aprendidos em sala de aula.

São as expressões e práticas das formas de organização que nos educam, como as reuniões, as assembléias, os projetos e atividades de extensão concebidos pelos alunos, a participação nos CAs, DCE, e que fazem com que o movimento seja dinâmico, instável e construtivo.

De acordo com DEMO (1994:17) a participação nos coloca como sujeitos políticos;

> *"temos em mente sobretudo tal horizonte, no sentido de competência em administrar o trajeto histórico, mudando a natureza e as relações sociais. É o espaço das utopias"*

Atuar no Movimento nos permite compreender as questões políticas e o funcionamento das estruturas da universidade, exercitando práticas democráticas quando participamos, tanto nos embates políticos postos pelas diferenças e divergências entre nós estudantes, como enfrentando o projeto político neoliberal que se consolida no sistema de educação pública, além de adentrar nas instâncias burocráticas da universidade - conselhos de deliberação, que rejeitam a participação dos estudantes, sendo estes muitas vezes ridicularizados, porque segundo eles ainda não possuem a "inteligência política". E no entanto, são elas, as instâncias burocráticas da instituição, que reproduzem o projeto neoliberal na medida que se adequam.

Nos estudos acadêmicos que dizem respeito mais especificamente ao cumprimento da grade curricular, optei pela temática das populações rurais e educação. A escolha se deu por influências diversas, tais como algumas leituras que realizei durante o curso de uma disciplina de Atividades Livres, mas também por ser teimosa e não ter me recusado a apagar as minhas perguntas que se voltavam para o rural. Sempre tive claro que não queria negligenciar o campo como espaço de investigação científica. E isso se explica pela minha história.

Por toda a minha infância morei no norte do Paraná, região onde predominam atividades agrícolas. Até os sete anos residi em terras arrendadas, onde meus pais eram trabalhadores rurais. Freqüentei um ano de escola fazendo um percurso de 14 quilômetros, juntando ida e volta. Lá, a maior parte das crianças moravam na zona rural, longe da escola. A pequena cidade onde se localizava a única escola que abrigava as crianças de 1° a 4° série tinha como atividade econômica a produção agrícola dos pequenos, médios produtores e dos trabalhadores rurais assalariados das grandes lavouras, como a cana de açúcar - os chamados bóias frias, porque se alimentam de refeição fria.

Atraídos pelo valor pago no corte de cana-de-açúcar na região e facilidades da cidade quanto a locomoção para acesso à escola e à saúde, somando as

dificuldades com o arredamento de terras que eles enfrentavam e as dificuldades financeiras, os meus pais resolveram mudar-se para uma cidade próxima, ainda no Estado do Paraná, juntando se a outros bóias-frias.

Mesmo com a mudança, sempre estávamos voltando para o campo porque alguns dos meus familiares ainda residiam lá (avó, tias, primos e primas e tios paternos, além de poucos amigos) sendo constantes as idas de meu pai.

Naquele período, meados da década de 80, muitos mudaram-se para cidades do interior do Estado de São Paulo e para a capital paulista, dentre eles muitos parentes e amigos porque havia muitas dificuldades sociais e econômicas na vida no campo. Na verdade, não havia escolha para essas famílias. Tudo era difícil. Comer, estudar, vestir-se, enfim, viver no campo significava viver uma vida de isolamento e penúria porque as políticas públicas para as populações rurais cada vez mais se firmavam no descaso para com essa parcela da população.

Mas os trabalhadores rurais, " os bóias frias", não aceitavam tal situação. Uma das maiores resistências que presenciei foi uma greve ocorrida no ano 1983, quando eu tinha seis de idade. Nesta greve, à qual meus pais aderiram, os trabalhadores se recusavam a trabalhar porque reivindicavam carteira assinada.

Junto a isso a política de créditos para a produção dos pequenos produtores (também trabalhadores rurais, porque também trabalhavam na terra) tornava-se cada vez mais escassa. Enquanto isso, as produções em grande escala e de monocultura se expandiam e estes pequenos produtores, não obtendo recursos para produzir, iam em busca de trabalho nas cidades. Como mostram diversos estudos, este foi um elemento marcante na conjuntura econômica e social do País nos anos 70 e 80. O resultado se apresenta num grande contigente de trabalhadores de origem rural chegando às cidades, onde criam e recriam situações para sobreviver.

O campo tornou-se um espaço ainda mais isolado, ocupado pela produção em larga escala da mecanização, não mais da morada e terra de trabalho. Trata-se agora do uso agrícola do território, com emprego de máquinas, deixando somente as lembranças e saudades.

Muitos de nós mudaram-se para os grandes centros urbanos, tal como minha família que mudou para Indaiatuba, uma cidade média na região de Campinas, com grande contigente de operários e que abriga ex-trabalhadores rurais que já foram

pequenos produtores e bóias-frias, muitos destes trabalhadores são de origem das regiões do centro do Estado Paraná e do norte do Estado de Minas Gerais.

Tinha completado 14 anos quando nos mudamos para Indaiatuba, mas há aqueles que ficaram, como o meu pai, alguns de seus irmãos e outras tantas famílias que continuam a viver com muito sacrifício pela ausência de políticas públicas para desenvolver o campo.

A situação de desigualdade social que vivem muitas famílias não só das regiões sul e sudeste que ainda permanecem no campo, mas também os familiares da minha mãe e demais que ainda vivem em Muquém, na parte rural do município de Itabaianinha do Estado de Sergipe, é desoladora.

Na universidade, o interesse pela temática da educação e populações rurais sempre se fez presente, por isso me aproximei do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que, além da bandeira pela Reforma Agrária, fazia a discussão sobre educação nas escolas e assentamentos rurais. Tomei conhecimento dos diversos materiais que eles vinham produzindo sobre educação (relatos de práticas educativas em escolas de assentamentos e acampamentos, além das experiências de educação de jovens e adultos) como também dos livros e revistas. Resolvi me aproximar mais, participando das atividades, a exemplo da marcha dos cem mil à Brasília em 1997.

Mas o primeiro contato com o MST foi mesmo em Indaiatuba em meados dos anos 90, quando auxiliamos na coleta de alimentos para Iperó, próximo a Sorocaba-SP. Naquele momento, se faziam discussões sobre a Reforma Agrária. Algumas famílias do meu bairro foram assentadas em Promissão-SP.

A motivação para conhecer mais este movimento continuou na universidade. É também uma tentativa de conhecer a mim mesma, a minha história, lembrar para não esquecer, não perder as raízes que também constituem a minha identidade, a memória de uma sem terra...

Foto: João Zinclar – Marcha Nacional à Brasília MST/1997

" Ela está no horizonte – diz Fernando Birri

Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.

Por mais que eu caminho jamais te alcançarei:

- Para que serve a utopia? Serve para isso para caminhar " [1]

[1] Eduardo Galeano

2 - Introdução

"A memória é o melhor porto de partida para navegantes com desejo de vento e profundidade"[3]

A idéia de resgatar a memória do "Curso para jovens do meio rural sobre a realidade brasileira", realizado na Universidade Estadual de Campinas em julho de 1999, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e apresentá-la como um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, surgiu a partir das várias indagações que fiz a cerca da relação constituída entre a universidade e o movimento.

Participei do curso do MST para jovens em fevereiro de 2001, na condição de representante do DCE. Na ocasião, eu era membro da coordenação deste diretório. A experiência de participar do curso trouxe-me a motivação para buscar compreender como se deu a presença do MST na Unicamp através deste curso. Eu estava particularmente interessada em saber como se deu a estruturação do curso e a metodologia utilizada, bem como entender como se reuniram as condições materiais para que o evento fosse realizado e como as pessoas responsáveis pelo evento haviam se reunido. Resumindo, a minha intenção era entender como se constituiu a relação entre a universidade e o MST.

A partir das questões que construímos acerca da estruturação, condições materiais, a metodologia do curso, fui em busca das pessoas envolvidas na realização do curso e também daquelas que participaram, fazendo uso de entrevistas, buscando resgatar e compreender o curso através destas fontes orais

O uso de fontes jornalísticas foi útil para trazer informações sobre o curso, mas sobretudo trazer à tona o discurso produzido pela mídia escrita sobre o curso, que consequentemente revelam concepções sobre o Movimento e o papel da universidade.

---

[3] Eduardo Galeano

Aproximação do tema – problema da pesquisa

Este ponto é fundamental porque o tema deste trabalho tem um percurso que nasce das questões e das minhas leituras sobre o rural.

Ao longo do curso de pedagogia realizei determinadas leituras acerca da temática Educação e populações rurais. Considero importante expor algumas das leituras sobre essa temática, porque o tema do TCC não apareceu da noite para o dia, foi resultado de muitas questões que fiz para o universo do rural, sendo este trabalho um recorte que se insere nessas questões. É sobretudo uma escolha pela dimensão instigante que o tema oferece para se compreender a esfera política, tanto no que diz respeito à formação política dada aos jovens no curso, como à relação constituída entre a universidade e o MST.

Essas leituras foram realizadas por livre iniciativa, somando a opção de cursar a disciplina de Atividades Livres , além de participar nos seminários em outros espaços e disciplinas de outros Institutos que corresponderam a temática do rural.

Dentre as leituras que já estavam em andamento que culminaram num projeto de pesquisa da disciplina de Metodologia de Pesquisa II, destaco: ARROYO (1987), ANDRADE (1993), BRANDÃO (1990), CALDART (1997), CAPELO (1999), DEMARTINI (1983), FREIRE(1975), KOLLING (1999), MARTINS (1985), PESSOTI (1995) e VASCONCELOS (1992).

Educação e populações rurais foi a temática trabalhada por esses autores, apresentando um panorama geral da situação da educação rural; situando as políticas públicas neste campo; a dimensão das relações entre a escolarização das populações rurais e as experiências educativas construídas por novas propostas; práticas educativas fora do processo formal do ensino rural, além das reivindicações feitas pelas populações rurais em torno da educação.

Inicio por ARROYO (1987), porque ele aponta para uma situação de agravamento de responsabilidade do poder público quando as políticas públicas na educação não promovem a educação destes grupos que têm o direito de manifestarem e de exigirem seus direitos e proporem ações políticas contra a situação de pobreza social no campo.

Em relação às políticas públicas VASCONCELOS (1992) faz um estudo destas no Vale do Paraíba, com recorte nas escolas emergênciais que foram i uma tentativa de promover a escolarização da população rural nesta região.

De acordo com este autor, como demonstra em sua pesquisa feita no Vale do Paraíba, no âmbito das políticas públicas o sistema formal de educação sempre se restringiu às "escolinhas" rurais isoladas e custeio com transporte para a locomoção até a cidade, dos que pretendem estudar, uma tendência que segundo ele vem aumentando cada vez mais no Estado de São Paulo, assim como a falta de profissionais para trabalhar neste espaço.

Há uma negligência no planejamento de políticas públicas no que se refere ao direito de estudar da população rural, porque o sistema de ensino não corresponde à realidade social e cultural do campo. A tendência é promover a escolarização na cidade, isto é, o campo é um espaço negado para vivê-lo e desenvolvê-lo. Tanto é certa essa afirmação que as escolas emergências tiveram pouco tempo de existência. Foram somente prédios que atualmente estão totalmente abandonados.

A produção cultural e econômica do campo produzidas pelas populações rurais foram rejeitadas com o advento da industrialização na cidade. MARTINS (1985: 26) concebe as políticas públicas educacionais como aquela que se propõe a "negar o mundo rural para quem ele já está negado no modelo de desenvolvimento capitalista vigente".

O ideal do progresso e do moderno junto à ideologia de que o campo é atrasado e arcaico, se legitimam pelo modelo hegemônico dos grandes e médios centros urbanos, seguindo a lógica capitalista do desenvolvimento desigual.

Como movimento reivindicatório em torno da escolarização ANDRADE (1993) em sua dissertação de mestrado põe à tona o debate da luta dos assentados na escolarização dos seus filhos, nos apresentando um movimento social que une a luta por Reforma Agrária e Educação, fazendo um mapeamento de alguns assentamentos no Estado de São Paulo que lutam pela educação de seus filhos, em que a autora apresenta os percursos tortuosos de sujeitos que lutam pelo direito à educação, pela escola no assentamento.

Ao discutir as práticas educativas produzidas pelas populações rurais que se estendem para além do processo formal de ensino, tomando como ponto de partida a cultura produzida no campo, o antropólogo BRANDÃO (1990) estuda as práticas educativas dos moradores do Vale do Paraíba. O autor constata que as práticas são

permeadas pelas condições de trabalho e moradia e que ambas constituem a vida no campo, sendo portanto elementos de constituição da dimensão educativa dos trabalhadores rurais e seus filhos. Quando a escola fecha as portas para as práticas sociais vividas na comunidade e pela comunidade, ela acaba por ser legitimadora das diferenças entre o campo e a cidade. Diferenças que se tornaram desigualdades, pois o campo se constitui nesta relação como espaço da cultura dominada.

Na linha da discussão cultural a tese de doutorado de CAPELO (1999), apresenta um estudo da diversidade e desafios da educação pública de séries iniciais, presentes no cenário na região rural de Londrina- PR. A autora faz um recorte das políticas públicas em torno da Educação e por conseqüência do descaso do poder público para com a população rural dessa região

Dentre estas propostas educacionais como apontamentos de alternativas com ênfase na concepção de educação para jovens de regiões rurais, bem como proposta pedagógica, PESSOTI (1995) aborda as experiências de pedagogia da alternância nas escolas de Famílias Agrícolas que atendem jovens do ensino médio profissionalizante no Estado do Espirito Santo.

As escolas famílias agrícolas são construídas pelas famílias dos pequenos agricultores, tendo como local a própria comunidade rural, as necessidades dessas famílias. Essas escolas tiveram seu início no Estado do Espírito Santo na década de 60, oriundas da Itália. Seguem o princípio da pedagogia da alternância com origem na França. São unidades educativas inscritas no meio rural que têm como objetivo formar o jovem camponês no compromisso com a vida agrícola e a comunidade rural. A meta essencial é capacitar o jovem agricultor, do ponto vista humano e técnico, de forma a colaborar para a sua fixação consciente e competente na agricultura, segundo a autora que desenvolveu trabalho pedagógico em uma dessas unidades.

Como movimento reivindicatório em torno da escolarização e propositivo (porque estes autores apontam para uma proposta pedagógica de ensino nas escolas de assentamentos e acampamentos) destaco os autores: CALDART (1997) e KOLLING (1999). Ambos discutem a educação das populações rurais, fazendo recorte das práticas educacionais nas escolas dos acampamentos e assentamentos do MST.

CALDART (1997: 32) ao tratar da luta do MST pelo sistema formal de ensino, nos chama atenção para a identidade que a escola tem que ter dentro do

campo, além da luta abarcada por melhores condições de vida e a dinâmica e valores do Movimento, bem como sinaliza a necessidade de formação de professores : "a luta por escolas públicas nos acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária, reafirma o comprometimento com a identidade do meio rural, onde a educação tem que estar voltada às necessidades deste meio, fundada na cooperação."

Já KOLLING e organizadores (1999) traz uma discussão ampla sobre educação, desde a didática até a seleção dos conteúdos em todas as etapas do ensino formal para jovens, crianças e adultos que vivem no campo. Segundo os autores, a dimensão curricular nos processos de escolarização rural devem ser legitimados pelos grupos que habitam no campo.

Porque o MST...

TORRENS(1994:146) afirma que o MST

> " é uma organização que se insere no campo de forças sociais específicas, onde atuam movimentos e instituições bem diversificadas e que, ao se relacionarem com o MST, produzem uma trama complexa de relações entre sujeitos políticos posicionados diferentemente no cenário das lutas no campo".

Dos confrontos enfrentados no campo pelos trabalhadores rurais, o MST se revela como mediador na luta pela terra, concentrado uma histórica reivindicação do campesinato brasileiro, na medida em que organiza os trabalhadores possibilita formação política. Neste sentido é um mediador de dentro que tem representação política legitimada pelos acampados e assentados, que são a base social do movimento.[4]

O conceito de mediação na questão agrária é tomado por NOVAES(1994), além de TORRENS(idem), para compreender as relações políticas feitas pelos movimentos. Os mediadores, aqui tomados pelos autores, são aqueles considerados comprometidos com os interesses dos trabalhadores.

Dessa forma são considerados mediadores de dentro aqueles que são legitimados pela sua representação política na sua base, porque também são trabalhadores integrantes do grupo, pertencem à constituição do grupo, sem terra. O

[4] As mulheres estão sendo lembradas, porque de fato estão na luta. Utilizo trabalhadores, porque trata-se da concordância no plural.

movimento constrói os seus próprios mediadores a partir dos seus cursos de capacitação política

A luta pela terra se configura como uma tentativa de inclusão na sociedade, porque em sua conquista se contesta a estrutura de poder cuja base econômica e material esta na estrutura agrária de concentração de terras e de riquezas. Portanto a luta pela Reforma Agrária insere-se em uma luta mais ampla, por uma sociedade democrática.

GRYBOWSKI (1987:13) ao trazer à tona a discussão dos movimentos sociais pela democracia assim se refere à existência dos movimentos sociais, a exemplo do MST:

> *" mais do que um projeto necessário é um processo de conquista e consolidação de organizações e práticas na chamada sociedade política, e processo de ampliação da participação e de autonomia da sociedade civil, criando condições de maior igualdade econômica e política "*

A partir dos anos 80 se iniciam estudos sobre assentamentos com o surgimento destes em algumas regiões do país, pautando a questão agrária nas pesquisas acadêmicas, apresentando novos atores e novas identidades, constituídos pelos movimentos sociais no campo NOVAES(1994)

Para a historiadora Zilda Iokoi os "sem terra " surgem de um ideário camponês e lutam para serem incluídos na terra, mas a luta destes é contra o desemprego e subemprego.

Sobre a questão da terra no período da ditadura CUNHA (1988: 87) aponta o latifúndio como instrumento econômico para dinamizar o desenvolvimento do sistema capitalista, impulsionado pelo militares, que acarretou num grande contigente de desempregados nos centros urbanos

> *" latifúndio, agora modernizado pela penetração do capitalismo no campo, fez com que levas de pequenos proprietários perdessem suas terras e se mudassem para a cidade. O industrialismo, baseado nas grandes empresas estatais e multinacionais, foi o elemento dinâmico da nova política econômica, beneficiando-se das altas taxas de acumulação de capital que a situação de monopólio propicia"*

A situação encontrada é de um contigente de trabalhadores desempregados e subempregados nos centros urbanos, milhares destes trabalhadores expulsos do

campo pela falta de política agrícola e da realização da Reforma Agrária. Por isso a luta contra o desemprego e pela mudança na estrutura de poder da sociedade, através da Reforma Agrária, segundo IOKOI (idem) tornam-se as bandeiras pela inclusão dos sujeitos " sem terras " na sociedade, querendo-a democrática e justa.

Recursos Metodológicos

Para registrar o curso optamos por realizar entrevistas trabalhando com fontes orais como um recurso metodológico, coletando os depoimentos dos sujeitos que participaram da construção deste curso.

Trabalhar com fontes orais, como MARTINS (1996: 14-17) registra na sua dissertação, significa "esclarecer para o leitor alguns acontecimentos, épocas e personagens envolvidos, além " de trazer a luz e devolver a palavra " , tão "fundamental numa sociedade que se pretende democrática" .

Segundo a autora, no processo de regaste histórico, as pesquisas com fontes orais de sujeitos que detêm a memória de um dado projeto político e educacional, permitem que a palavra seja devolvida aos sujeitos construtores deste projeto.

Nesse sentido as entrevistas serviram para devolver a palavra aos sujeitos que realizaram e participaram do curso, além de ser um recurso de resgate do mesmo.

O ato de registrar a partir de fontes orais é uma escolha para o pesquisador que opta pela história oral como procedimento metodológico de pesquisa, porque tem-se a possibilidade de revelar conflitos produzidos pelos sujeitos históricos envolvidos em um dado projeto.

Através deste procedimento, a tentativa é de resgatar a memória do curso de jovens, com base nos depoimentos dos sujeitos que organizaram e participam do curso. Uma memória constituída da experiência de organizar e participar do curso

A experiência mencionada, como elemento de compreensão para transformação social, de acordo como THOMPSON (1981) trata-se da experiência histórica e coletiva dos sujeitos, e que se constrói no processo de constituição da consciência coletiva. Para o autor o termo experiência humana e histórica é experimentado pelas pessoas em situações e relações produtivas, "determinadas

como necessidades e os interesses como antagônicos, e em seguida tratam essa experiência em consciência e sua cultura". (Idem : 190)

Dirigir o olhar para aqueles que participaram do curso, é registrar, a partir da condição da experiência de construção e participação do curso. Envolvidos na organização do curso e na condição de participantes, evocam suas ideologias e visão de mundo quando participam da experiência de construção do curso e estão, envolvidos com um projeto de sociedade que pode ser visto a partir do lugar de sua atuação, na universidade e no movimento.

Como afirma LE GOFF (1994 : 123) *"uma história de todos os homens e não só dos reis e dos grandes. Uma história em movimento"* .

A visão de mundo é a interpretação de si próprio e do outro, e como o eu se coloca no mundo. A ideologia para THOMPSON (idem: 185) é

> *"indispensável a toda sociedade para formar os homens, transformá-los e colocá-los em condição de corresponder às exigências de suas condições de existência"*

Para este autor a "experiência humana" é experimentada pelas pessoas em situações e relações produtivas,

> *"determinadas como necessidades e os interesses como antagônicos, e em seguida tratam essa experiência em consciência e sua cultura".* (Idem: 190)

Recorre-se à experiência com a finalidade de direcionar o olhar para o registro do curso, porque possibilita visualizar os sujeitos envolvidos neste processos políticos, revelando os seus interesses, a partir dos seus anseios políticos.

Os depoentes que tiveram a experiência de participar do curso na condição de participantes e organizadores (sendo eles pessoas que representam a universidade e os militantes do MST, além dos professores que ministraram as aulas ou palestras) nos apresentaram concepções acerca do movimento e da universidade. Para NEVES (1999: 110) os depoentes revelam as suas identidades na produção dos documentos orais,

> *"as identidades dos sujeitos históricos podem ser mais bem reconhecidas e analisadas como integrante da trama constituída da História"* .

É no momento da produção destes documentos que serão reveladas as negociações, os acordos, e possíveis conflitos, quanto ao interesse na realização do curso.

O estudo da memória pode ser compreendido como instrumento de estímulo para dar vazão ao que não se compreende no âmbito da razão, mas que são constitutivas de relações políticas, porque também pertencem ao que entendemos pelo que definimos de pessoal, afetivo. FERREIRA (1994), ao citar Pierre Nora, afirma que a memória, fazendo uso de suas palavras, é flexível, pautada nas emoções e vivências dos depoentes, portanto é a construção do passado. Para LE GOFF(1994: 421) , o estudo da memória social é, "um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente, aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento"

Os documentos de fontes orais para MARTINS (1996) possibilitam trazer a tona um dado conhecimento sob o que se pode afirmar ou negar a partir destes documentos. Para FERREIRA (idem) eles são de grande valor, porque muitos problemas e questões são resolvidos através da comunicação oral, assim como as decisões que podem ser tornadas por telefone ou pessoalmente sem necessariamente um documento a ser assinado.

O regaste da memória do curso será feito através dos depoentes, uma memória estimulada, uma vez que o ato de relembrar não será espontâneo, mas de maneira disciplinada, como uma fonte de produção intelectual, em que os roteiros de entrevistas seguem critérios quanto à escolha das perguntas, demandado crítica, análise e interpretação por parte do pesquisador, afirma NEVES (1999) .

Os documentos escritos, ofícios, cartas de intenções e afins seriam de grande valor para o regaste, porque possibilitariam sobretudo a veracidade dos fatos, no entanto encontramos grandes dificuldades no acesso a estes documentos que serviriam como um complemento no referente à análise e riqueza da constituição do resgate.

O uso das reportagens da imprensa escrita para o regaste do curso é feito como instrumento de análise, porque revelam opiniões sobre a universidade e o MST ao tratar da relação constituída para o acontecimento do curso. Para tanto os depoimentos dos sujeitos detentores da memória do curso, são utilizados para o resgate; já os jornais, embora possam trazer informações sobre o curso, primordialmente são documentos abordados na produção do discurso veiculados por tais meios de informação.

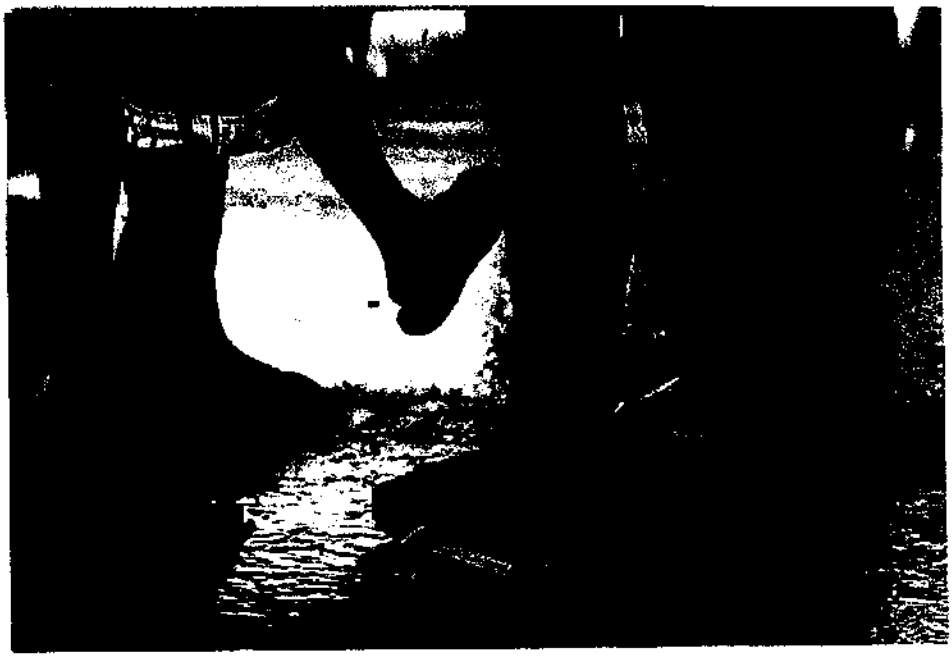


Foto: João Zinclar Marcha Nacional à Brasília – MST /1997

" Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita
que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança...mas de onde? De quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
essa mensagem pelos céus perdidas...
Ai! Tão perdida
quem nem se possa saber mais de quem "

Mario Quintana

2- O Curso: História de uma experiência

Realizou-se na UNICAMP o primeiro curso de jovem de origem rural em julho de 1999. O curso intitulado: " Curso para jovens do meio rural sobre a realidade brasileira " teve a participação aproximada de mil jovens, que chegaram à Campinas representando quase todos os estados do País, sendo que este evento de formação política representa a entrada efetiva do MST na universidade.

A organização do curso, segundo os registros da imprensa escrita e segundo as pessoas que concederam depoimentos para essa pesquisa, foi planejada pedagogicamente pelo MST, através do setor de formação da Escola Nacional Florestan Fernandes. [5] A universidade, segundo esclarecimento do professor Luis Carlos Guedes Pinto, Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário na ocasião, só cedeu a estrutura e as condições materiais para que o mesmo fosse realizado, mas estabeleceu, ainda que somente na estrutura, uma parceria com o movimento.

A dinâmica e a dimensão curricular do curso seguiu as orientações da pedagogia já trabalhada pelo movimento em outros cursos e encontros do Movimento, denominada por Adelar Pizeta, coordenador pedagógico da Escola Nacional Florestan Fernandes do MST, como "organicidade"[6].

Por causa da movimentação dos jovens nas redondezas do ginásio multidisciplinar, local onde permaneceram durante todos os dias do evento, para dormir e assistir as aulas do curso, o cotidiano universitário sofreu algumas mudanças.

Havia longas filas no restaurante universitário e a presença do MST na universidade não havia sido oficializada pela administração da universidade pelos seus canais de comunicação. A comunidade universitária foi informada, pela imprensa e para quem ousou responder a sua curiosidade, aguçada pelas canções e circulação dos jovens " diferentes" ao redor do Ginásio, serviram as conversas com os jovens no restaurante, num encontro de jovens universitários e não universitários.

---

[5] Fonte dos Jornais: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Correio Popular.

[6] Noção que trabalharei adiante, especificamente quando referir-me à dinâmica do curso.

Era impossível não notar os jovens pelo *Campus* nos arredores do ginásio, nos horários de alimentação, almoço e jantar, pela marcante presença dos bonés vermelhos e das camisetas do MST e do Che Guevara usadas por eles, com dizeres sobre a Reforma Agrária e sobre o socialismo.

Para entrar no ginásio e participar das atividades do curso era necessária uma autorização que era obtida na secretaria do evento, onde a pessoa se identificava, retirando crachá de visitante. O ginásio funcionava seguindo a dinâmica de segurança adotada pelo movimento nos acampamentos.

A imprensa, por exemplo, era acompanhada pela equipe de comunicação do curso, seguindo as recomendações internas do Movimento, que alegava sofrer ataques constantes da mídia.

As justificativas dos militantes quanto a essa forma de organização baseava-se no argumento de que as normas de segurança eram necessárias para a própria proteção dos jovens ali presentes, uma vez que, além de ser o primeiro curso, era a primeira experiência do movimento com esse tipo de atividade pelo número de participantes, em torno de 1000, e por ser jovens entre 15 a 25 anos, conforme declarações de Pizeta. [7]

> ".... jovens de 15 a 25 anos, que sejam jovens, que estejam participando das lutas, das atividades do movimento nos estados, que estejam preferencialmente nos acampamentos, nos assentamentos, que sejam jovens que tenham perspectivas de virem a serem militantes do movimento..."

Através do que foi registrado pela imprensa perceber-se a visão que o jornal quer transmitir sobre o movimento ao tratar do curso. Abordando o assunto no editorial em 07 de julho, a Folha de S. Paulo, por exemplo, apresenta a sua opinião sobre o MST e a função da universidade, afirmando ser o Movimento uma organização que despreza as leis através das suas ações e que é um grupo político extraparlamentar "no desprezo das regras da democracia que forma seus militantes" ao avaliar a parceria " para tal tipo de educação que os contribuintes, por meio da Unicamp, estão à revelia colaborando ".

[7] Coordenador pedagógico do MST, depoimentos em Anexo 1.

Em resposta a Reitoria da Universidade alega estar desempenhando o seu papel social, em caráter de extensão universitária, possibilitando o acesso de jovens excluídos do ensino público superior, que dentre outras funções da universidade, "ampliar as frentes de interação entre a universidade e a sociedade" e que os "cursos de extensão são uma forma de concretizar esse objetivo". Assim informa o Reitor da Universidade Hermano Tavares, no painel do leitor da Folha de S. Paulo, 07/07/1999.

Essa idéia sobre o papel social da Universidade e, particularmente, sobre a função dos cursos de extensão, era bastante nova. Até então, a política de extensão realizada pela administração da reitoria se restringia aos cursos pagos gerenciados pela EXTECAMP – Escola de Extensão da Unicamp. Essa questão havia sido tema de enfrentamentos entre a reitoria e os estudantes da própria universidade que desenvolviam projetos de extensão de caráter educativo na moradia da Unicamp, entre os quais me incluo.

Estes estudantes desenvolviam projetos de extensão pautados na inclusão de jovens e adultos que estão fora do sistema formal de ensino, recebendo moradores, de baixa renda dos bairros próximos à moradia estudantil para os projetos de Educação de Jovens e Adultos; Supletivo, o VEJA – Vivência Educacional de Jovens e Adultos, Cursinho-Pré Vestibular e oficinas das mais diversas áreas, ambos criados em 1998, a partir de uma assembléia dos estudantes residentes na moradia.

A universidade é referida por um jovem militante do MST como sendo "latifúndio do saber " e que portanto, assim como a luta pela terra, pressionando o governo a fazer a Reforma Agrária, há que se fazer a luta para que a educação seja para todos e o conhecimento socializado, por isso a importância deste curso na universidade.

As perguntas que nortearam a busca pelo registro do curso tiveram o propósito de levantar questões acerca da memória do curso, apresentando dessa foram a dinâmica e o currículo do mesmo, o qual não foi somente um acordo burocrático entre a universidade e este Movimento Social.

Para tanto pontuamos estas questões. Como a universidade chega a ser um espaço desejado pelo MST ? E como o MST chega a ser desejado pela universidade? Levando em consideração a representação política do movimento perante a

sociedade, que não só faz a discussão da Reforma Agrária, mas um conjunto de discussões como as mazelas sociais produzidas pelo neoliberalismo.

O curso se realiza na Unicamp, embora o movimento tenha atuação política em todo território brasileiro. Dentre as três universidades paulistas mantidas pelo Estado a USP - Universidade de São Paulo, UNESP – Universidade Estadual Paulista e Unicamp, é nesta que o curso se realiza.

A relação entre a questão agrária e a universidade não pode ser vista de forma a desconsiderar o desigual desenvolvimento do País, nem tampouco esquecermos o passado, que herdamos. Em se tratando dos anos da fundação da Unicamp, é num período de repressões e intervenção dos militares não só nas universidades e na política (a exemplo da morte e tortura do estudante da USP, Alexandre Vannucchi Leme) é também da proliferação dos crimes no campo.

No entanto é neste período que a Unicamp inicia o seu funcionamento pela Faculdade de Medicina em 1963 e dá seguimento suas atividades com êxito. Tendo como Reitor e precursor da ampliação e afirmação da instituição, o professor Zeferino Vaz, durante a ditadura militar (MARTINS,2001).

Um período que a historiadora IOKOI (1986) encontra dificuldades para levantar documentos sobre a questão agrária, em que a mesma faz pesquisas sobre os conflitos agrários no Brasil e no Peru e a inserção da Igreja Católica nos movimentos sociais no campo. Notadamente um período também de proliferação dos crimes pela " pistolagem " no campo, segundo dados de dossiês oferecidos pela CPT – Comissão da Pastoral da Terra, analisados por IOKOI (idem), foram 1566 trabalhadores rurais assassinados.

Embora com distintos trajetos históricos de fundação e função constituem a relação entre a Universidade e o Movimento. A Unicamp destaca-se pela suas funções; de ensino, pesquisa e extensão, além de reunir as mais diversas atividades em relação às suas funções .

Já o MST é um movimento social que se apresenta como uma organização notória, no que se refere a sua atuação política em todo País, organizando milhares de famílias nos mais diversos estados, para ocupar terras, de acampados para ser assentados. É uma referência nacional nas lutas sociais pela terra, pela sua trajetória histórica e sua entrada no debate político nacional e internacional, a exemplo da sua

inserção nos dois fóruns sociais mundiais de crítica ao neoliberalismo, e pela constituição de comitês contra a ALCA.[8]

A representação política e social do MST, se caracteriza por sua política contestadora em relação à estrutura agrária vigente, exigindo a Reforma Agrária na medida em que organiza a ocupação de terras para produzir. STÉDILE (1999) afirma que o governo só faz política de assentamentos e não realiza de fato a Reforma Agrária, no seu entendimento a realização da Reforma Agrária consiste em um conjunto de direitos sociais; saúde, educação e condições materiais e estruturais para a produção agrícola. A política de assentamentos, por sua vez, consiste em desapropriar a terra, não criando condições político-econômicas para que se faça a produção, o que de fato não desenvolve o campo.

[8] São comites que visam formar monitores para esclarecimentos sobre a ALCA – Área de Livre Comércio das Américas, bem como os problemas econômicos para o País

" - A ordem é circular - disse o tenente

Agora êle via que não só da Estação como pela Ponte Velha os camponeses chegavam, alguns descalços, outros de alpercata de couro cru, outros de sandália japonêsa, e o certo e garantido é que não traziam fardos para o mercado, não traziam nada, apenas êles, mas cada vez mais dêles e se faziam tantos que seu mero deslocamento já constituiria como uma passeata " [9]

Foto: João Zinclar Marcha Nacional à Brasília – MST/1997

[9] Do romance de Antonio Callado, Quarup p. 362

3- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Foto: João Zinclar Marcha Nacional à Brasília – MST/1997

A criação do MST, segundo STÉDILE & FERNANDES (1999) " a gênese " do movimento, se deu no I Encontro Nacional do Movimento, em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel-PR, numa região em que se faziam presentes as manifestações da luta no campo, comparecendo a este encontro treze Estados.

Embora este encontro situe a fundação do MST, houve um conjunto de lutas travadas no campo, no final dos anos 70 e meados da década de 80, a exemplo do acampamento da Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul, de 1981 a 1983. Em Campo Êre, Santa Catarina, um acampamento com 322 famílias vítimas das barragens, de 1980 a 1982 dentre outras ocupações Macali-RS, Itaipu-PR, Naviraí-MS, que marcaram um cenário agitado pelas lutas dos trabalhadores rurais, IOKOI (1986).

Antes deste encontro houve diversas reuniões regionais com a preocupação de uma organização de âmbito nacional e autônoma, o que já tinha sido definido em setembro de 1982. Autonomia em relação à igreja e aos partidos políticos. STÉDILE, afirma que a CPT – Comissão Pastoral da Terra da Igreja Católica, foi um " espaço ideológico para a formação do MST ".

A presença marcante da igreja nos movimentos sociais do campo para GRYBOWSKI (1987:58) tende a "recuperar as questões culturais dos grupos subalternos na afirmação da sua cidadania".

O I Congresso Nacional do MST em Curitiba – PR, em janeiro de1985, com 1500 participantes de 23 Estados, teve como definição os seguintes princípios: lutar pela Reforma Agrária, por uma sociedade justa e igualitária, acabar com o capitalismo, unir todos os trabalhadores rurais na luta pela terra, estimular a participação das mulheres e manter autonomia política.

O MST, segundo STÉDILE (1999: 40), aprendeu com a história de outras lutas sociais no campo: Liga Camponesas no nordeste, Revolta do Porecatu no Paraná e do Contestado em Santa Catarina.

> *"Aprendemos com a experiência histórica de outras organizações de trabalhadores e achamos que aí está o segredo da organização e da sua perenidade "*

GRYBOWSKI (1987:17) apresenta o cenário do campo no final dos anos 70 e início dos anos 80, marcado por intensas mobilizações e manifestações dos trabalhadores rurais em âmbito nacional, a exemplo da greve de uma semana de 20 mil trabalhadores de cana-de-açúcar em Pernambuco, em 1979. 700 mil pequenos produtores rurais se organizam em assembléias e manifestações no Rio Grande do Sul, em 1980, contestando a política agrícola do governo do Estado.

Foi no bojo da dinâmica de mobilizações constantes neste período que se inicia o nascimento do MST, mesmo período que teve como regime a ditadura militar que se constitui pela censura, violência e repressão do Estado, e marcado pela intensa mecanização nas atividades agrícolas, da industrialização crescente e da manutenção do latifúndio no Brasil, culminado na expulsão dos trabalhadores rurais e na inserção de um grande contingente de trabalhadores nas cidades.

Dentre o conjunto dos direitos reivindicados pelo movimento, incorporado pela luta da Reforma Agrária feita pelo MST, localiza-se a educação e a cultura

como áreas de desenvolvimento do campo na defesa das manifestações e produções culturais, sendo símbolos e elementos da construção da identidade dos trabalhadores rurais sem terra.

CALDART (2000: 24) ao lançar a discussão do tema nos remete à seguinte pergunta. Qual o sentido educativo do MST? É sentido que diz respeito a experiência humana que constitui o movimento, participando, na medida que constrói a sua identidade social, cultural e política

> *" uma identidade que primeiro é política, mas que se torna também cultural, à medida que recupera raízes, recria relações e tradições, cultiva valores, inventa e retrabalha símbolos que demonstram os nossos laços sociais, e assim faz história "*

A Reforma Agrária, por sua vez, que alavanca a luta deste movimento, aglutinando os trabalhadores e fazendo formação política, segundo GRYBOWSKI (1987; 75, 76)

> *"emerge dos movimentos sociais e, como proposta, se configura no plano político do enfrentamento entre as diferentes classes e de correlação de forças com o Estado (...) é uma das frentes de luta por uma sociedade democrática no Brasil, porque se amplia a participação econômica-social dos trabalhadores rurais e a sua incorporação"*

A concepção de educação abordada por este movimento refere-se à amplitude da formação humana, que abrange desde a participação no conjunto de lutas dos trabalhadores nos mais diversos espaços, dos acampamentos e assentamentos, se organizando e manifestando, como nos espaços das escolas e na formação política dos militantes.

Porque a educação para este movimento, como expressado no caderno de educação, tem como caráter a transformação social e o papel do processo pedagógico é mudar a ordem social vigente, pela construção de uma nova ordem, de uma sociedade justa socialmente e de radicalidade democrática, somando-se valores socialistas e humanistas.[10]

[10] Cadernos de Educação, MST, n. 8, 6-10

4- Discurso da imprensa sobre o curso

A tentativa de se trabalhar com o discurso da imprensa é de localizar as ideologias através do que não está dito, mas que está posto na construção lógica, a respeito do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra, no âmbito das relações políticas e de poder.

Não enveredando para a análise do discurso como fez VOESE(1998:11), mas tendo como referência " pistas ideológicas " para adentrar no estudo o discurso, requer enveredar-se no campo das ideologias na sociedade " dentro do qual se dá o conflito dos sem terra, e que determina, em maior ou menor escala, o que se diz desse problema na imprensa".

As pistas ideológicas, por sua vez, podem identificar a tentativa de um modelo hegemônico de sociedade veiculado pela imprensa.

A grande imprensa em nossa sociedade, caracterizada pela disputa do poder que emerge do conflito de classes, é o canal de transmissão ideológica do grupo dominante, aquele que detém o poder. A imprensa é o instrumento ideológico do grupo dominante.

Nesse sentido, a ideologia, segundo o autor, de forma hierarquizada, privilegia "o produto cultural do segmento social dominante: apagar e excluir diferenças significa apagar e excluir a existência de diferentes concepções de estruturação e funcionamento da sociedade e, por isso, de diferentes orientações de condutas" (Idem,1999: 36)

A imprensa escrita registrou as atividades do curso entre os dias de 2 a 12 de julho de 1999 período de realização do evento, fazendo críticas ao curso a partir de suas concepções acerca da Universidade e do Movimento, que às vezes eram favoráveis e às vezes eram posturas contrárias à constituição da parceria.[11]

As fontes levantadas compõem a grande imprensa escrita, representada pelo Correio Popular, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Esses jornais fizeram reportagens acerca do curso, o que possibilitou certos debates entre os leitores, e a

[11] As reportagens sobre o curso, foram conseguidas, em sua maioria, na Assessoria de Imprensa da Unicamp, onde existe um arquivo de reportagens feitas pela imprensa com circulação local e nacional que dizem respeito a Unicamp. Fontes: Folha de S. Paulo, OESP- O Estado de São Paulo e Correio Popular. Tais fontes encontram-se no arquvio da pasta do ano de 1999, mês de julho.

partir da interlocução provocada, formaram-se opiniões de rejeição e de aceitação ao curso. Como pode ser visto no painel de leitores da Folha de S. Paulo, 11/07/99.

No entanto mais do que registrar e promover o debate, cada jornal expressou sua opinião e quiz difundi-la. A tentativa é vincular e formar opinião, de acordo com as ideologias do grupo que este representa. Pela discussão feita pela Folha de S. Paulo, do dia 07/07 em seu editorial percebe-se que tipo de visão social quer difundir. Uma visão muito explícita, mas cuja ideologia nem sempre é visível para o leitor.

No quadro abaixo pode se observar as concepções de universidade e de Movimento, através da reportagem feita em 07/07/99, Folha de S. Paulo, com o título "Confusão de tarefas". Faço uso das palavras referidas a ambos.

Do MST	Da universidade
- Organização adepta à ilegalidades - Grupo político extraparlamentar que não preza o regime legal - Ocupa edifícios públicos - Ameaça violência - No desprezo as regras forma seus militantes	- Tem autonomia - Com liberdade de investigação ancorada nos interesses acadêmicos - É mantida pelo dinheiro público - Instituição de excelência

Embora " com liberdade de investigação acadêmica ", não pode a universidade realizar tal evento com o MST, porque, segundo as declarações, trata-se de uma organização "adepta à ilegalidades", que "não preza pelo regime legal ". Sendo portanto impossível não perguntar: De que trata esse regime legal? As leis tão conclamadas servem para garantir o quê?

Neste mesmo editorial a crítica à universidade é pontual, posicionando-se contrária à realização do curso, e afirma ser "inaceitável" tal ação da Unicamp, "desvio de função e recursos de uma instituição pública" .

Apesar de afirmar que a universidade é uma instituição pública e que tem autonomia, ela não deve, segundo o parecer do jornal, realizar tal curso.

Partindo de uma crítica ao MST, o que se constrói são concepções acerca das funções e papel da universidade. Ora trata-se de incoerência quanto à função e concepção da universidade, pois, embora tenha liberdade de investigação científica e tenha autonomia não pode realizar o curso porque são jovens do MST e de acordo com o jornal trata-se de um "grupo particular político" que desrespeita os direitos constitucionais. Sem levar em conta todos os direitos constitucionais acaba por sair em defesa da propriedade privada, e desconsidera os artigos que tratam dos direitos sociais que devem ser assegurados para todos os cidadãos.

Na reportagem local, o caderno Campinas do dia 06 de julho, sob o título "Unicamp ajuda MST a formar líderes", a mesma fonte apresenta o curso como atividade de ensino de "ações como invasões de terras" , para formação de novos líderes. No tocante aos conteúdos do curso, discorre sobre o que foi abordado na palestra do curso (aspectos históricos da Reforma Agrária no Brasil e no mundo) e da mesma forma alerta que as verbas do governo estadual pagarão as despesas alimentares e alojamento dos jovens.

Reproduzem, dessa forma um imaginário de banditismo do MST, tratando-o como uma "organização político partidária" de formação de quadrilhas e não como movimento social que tem como luta o acesso aos direitos sociais, através da bandeira pela Reforma Agrária.

O painel do leitor de 07/07, traz as argumentações do Reitor da Unicamp, discorrendo sobre a função e tarefas da instituição, sobre a reportagem citada anteriormente " além de oferecer ensino gratuito e de qualidade e pesquisa de ponta é ampliar, as frentes de interação entre a universidade e a sociedade " e a parceria se dá " entre uma universidade pública e o movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um movimento social legítimo e organizado ", saindo em defesa da constituição da parceria e por conseqüência do Movimento.

A imprensa ora registra o acontecido através das atividades políticas e pedagógicas do curso, ora emite enfaticamente opiniões contrárias à presença do MST na universidade.

O Estado de São Paulo de 09/07/99, por exemplo, não como um elogio explicito, traz uma única reportagem sobre uma das atividades do curso, a palestra que trata do embelezamento dos assentamentos e acampamentos com plantio de árvores e flores, revelando uma preocupação com a estética dos espaços de moradia dos assentados e acampados.

Já o Correio Popular da cidade de Campinas registra grande parte das atividades do curso sem levantar polêmicas acerca da parceria, e também traz opiniões contrárias dos seus leitores sobre a presença do MST na Unicamp .

Há divergências, ainda que somente o jornal Folha de S. Paulo apresente posturas contrárias e de ataques, na reportagem "MST monta ataque com aparato de marketing", que tenta justificar a incoerência do MST na venda de camisetas, produtos alimentícios, agendas, livros e CDs, que também são produzidos pelos seus apoiadores. Classificando-os como marqueteiros, afirma que é incoerente fazer uso desse aparato "condizente com a boa lógica do capitalismo", já que difundem o socialismo, de acordo com a visão do jornal.

O jornal, ao veicular esse discurso despreza a organização, pois o que é desconsiderado é a ampliação e a identidade do MST, através da difusão dos seus trabalhos e a venda dos seus produtos. Essa prática possibilita a ampliação do movimento, propagando a sua imagem de resistência ao sistema, com a venda dos seus produtos. Tais práticas contribuem com a própria sobrevivência política ao estabelecer redes nacional e internacional.

Além de classificar o MST como marqueteiro, insinua a obtenção de lucros nas vendas dos produtos, o que veicula pela seguinte afirmação "o Movimento não forneceu ontem nem a estimativa sobre o faturamento com a venda dos produtos, mas negou que o principal objetivo seja a obtenção de lucro ".

Tais reportagens revelam a prática adotada pela grande imprensa, que tenta veicular sua ideologia conservadora, na tentativa de produzir no imaginário de seus leitores a negação do MST como um movimento de resistência e de questionamento das estruturas do poder político no país balizado pela estrutura econômica e social de concentração de rendas e de terras.

A luta pela democracia se dá também através dos discursos das ideologias. A ideologia da classe dominante, por sua vez, representada pelas oligarquias e pela burguesia industrial, se utiliza entre outros instrumentos de legitimação, da imprensa, para veicular seus valores. Já a ideologia da classe trabalhadora, ora representada pelo MST, organiza famílias na ocupação de terras e a partir das condições objetivas destes trabalhadores promove a formação política, tal como no curso de jovens.

O contra- discurso se faz presente na revista e jornal Sem Terra, julho de 1999, tratando o curso de jovens como direito pela terra e direito pela educação, que se insere "na luta pela democratização da educação" ao afirmar que a universidade cumpre o seu papel de "de estar aberta para que todos os setores da sociedade tenham acesso ao conhecimento".

5- Discutindo/Analisando o curso, a partir das falas ...

A partir das falas dos depoentes, utilizando-se das entrevistas realizadas, pretende-se dar voz aos sujeitos envolvidos no curso.[12] É um recurso que também foi escolhido porque se considera que a ocupação das entidades é feita por pessoas que têm os seus objetivos e projetos políticos, de acordo com suas ideologias e visão de mundo.

Para tanto, apresentar as pessoas e as suas visões não é resultado de um escolha metodológica aleatória, mas de uma insistência em colocar as instituições não como abstratas, mas ocupadas por pessoas, a exemplo, da universidade e do movimento, que se encontram na realização de uma atividade que se estende para além dos seus papéis sociais, e se insere no âmbito das relações políticas, que por mais que sejam distintas em suas fundações e concepções, entram em acordo para realizar o curso .

Neste sentido, as pessoas envolvidas no curso têm muito o que dizer, e fazer uso das entrevistas não significa centralizar a atuação dos indivíduos como determinantes em dadas situações sociais, mas apresentar suas ações e entendimentos em situações que também são definidas por um contexto social e estrutural. As ações dos indivíduos, por sua vez, influenciam e interferem, ainda que não sejam determinantes. Sendo assim, se outros indivíduos que ocupassem essas "instituições", outro poderia ser o seu desfeixo.

[12] Para realização das entrevistas foram selecionados 2 representantes do MST, 1 da universidade e 3 professores que participaram do curso, além de 4 jovens integrantes do MST. Todas as entrevistas foram feitas no 4° curso de jovem, na semana de 27 de janeiro a 6 de fevereiro de 2002, exceto do

Apresento os depoimentos de dois representantes do Movimento, ligados ao Setor de formação política, Adelar Pizetta e Neuri Rosseto além do professor da Unicamp, Luis Carlos Guedes Pinto, ambos envolvidos diretamente e indiretamente na trama, desde os primeiros contatos para a realização do curso.[13].

A parceria, dinâmica, currículos, os professores, os jovens e os temas do curso são pontos selecionados para trazer as falas do sujeitos que participaram e organizaram o evento. Tais pontos são chaves para visualizar o curso, e sobretudo porque são depoimentos que revelam a totalidade da atividade desde o envolvimento dos jovens à parceria, passemos a ela então.

A parceria

Como é concebida pelos depoentes, a parceria (embora encontramos em certos registros da imprensa como convênio e associação) foi um acordo entre o movimento e a universidade.

A idéia do curso surge numa dada situação política em que o Movimento vivia, segundo um dos representantes do MST. Assim esclarece Rosseto:

> "A proposta pra esses cursos sobre a realidade brasileira, envolvendo mais a juventude do meio rural, ela não pode ser vista fora do contexto que o movimento vivia naquela época, em 1999. Ele tá dentro daquilo, que cada vez pra nós fica mais evidente, mais claro, de que a luta pela Reforma Agrária não podia se restringir apenas aos trabalhadores rurais sem terra, por isso que na época a palavra de ordem do movimento era Reforma Agrária uma luta de todos. Isso implicava em duas coisas; primeiro de nós não ficá restrito ao campo, as nossas lutas não acontece só no campo ou seja nas cidades, de nós levá as nossas lutas nas cidades, de ter ações conjuntas com a sociedade, de buscar o apoio da sociedade, então foi um período que nós começamos uma série de ações no meio urbano pra mostrar os trabalhadores rurais foram favorecidos pela Reforma Agrária agora eles estão retribuindo que ações que se faziam e se faz ainda hoje desde de

---

professor Plínio que foi realizada posterior ao curso no Instituto de Economia, em que o mesmo compõe o corpo docente.

[13] Adelar Pizetta é coordenador pedagógico da Escola Nacional Florestan Fernandes em construção, próximo a cidade de Jacarei, em Guararema SP. Com formação em pedagogia e mestrado em educação pela Univer. Federal do Espírito Santo. Neuri Rosseto é membro da direção nacional do MST, pedagogo e mestrando na PUC-SP. O professor Luis Carlos Guedes Pinto foi Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário, na ocasião em foi realizado a parceria e os três primeiros cursos

campanha de doações de sangue, doação de alimentos, limpeza de praças públicas, eh, plantio de árvores são tudo um gesto de retribuição para a sociedade dos benefícios da Reforma Agrária. Nesse sentido também apareceu, bom como fazer uma aproximação maior com as próprias universidades que o meio urbano, os jovens num tem acesso a isso. Então como trabalha esse, como fazer com que o jovem do meio rural conhecesse o potencial que tem uma cidade, potencial que tem uma universidade. E nisso que apareceu a idéia de fazer um curso massivo em tempo, em período curto, aproveitando o período de férias, aqui na Unicamp, em Campinas."

A fala de Pizeta mostra como foram os primeiros contatos (para quê e com quem):

" a realização dele foi em julho de 1999, mas já no início do ano nós começamos a formular a proposta né, concebeu o curso, porque era o primeiro e nós não tínhamos a experiência, em fazer um curso massivo para jovens e numa universidade então as interrogações que já tinha, eram assim várias. A princípio a nossa parceria com a Unicamp era para realizar um encontro do Movimento e nós entramos em contato com a Universidade e naquele momento não foi possível aí nós fizemos em fevereiro de 98 o Encontro do Movimento Sem Terra lá na Universidade Federal do Espírito Santo de maneira que nós já tínhamos essa intenção de fazer parcerias de utilizar o espaço e o próprio conhecimento que existia nas universidades. Mal se passou o ano de 98 aí início de 99 houve mudança aqui na reitoria da Unicamp com a entrada do Professor Guedes Pinto na pró- reitoria de administração - se não me engano- é que então se retomou aquela idéia inicial de se fazer o encontro aqui. Como nós já tínhamos feito o encontro nacional do movimento em Vitória no Espírito Santo é que então nós já com essa idéia de fazer um curso para os jovens é que nós então apresentamos a proposta da realização do curso massivo"

Portanto a escolha pela Unicamp também está dentro deste contexto, havendo na universidade já um contato, além de outros elementos.

" a Unicamp é muito conhecida nacionalmente, muito famosa, a universidade de Campinas tem. E isso por ser pra nós próprio um

> elemento muito pedagógico, tanto nossa base social pra nossos estudantes " *óh fui estudá, eu fiz um curso na Unicamp, conheço a Unicamp"* isso já é um elemento muito. Segundo elemento é uma região central que nos ajuda a trazer os militantes de todo, de toda a parte, de todas as partes do País, então isso também foi favorável de se fazer aqui, nos ajudou a fazer aqui. E terceiro são as condições objetivas aqui era aquilo que nós precisávamos espaço onde os próprios estudantes pudessem se organizar, ter um espaço deles convivê junto, de fazer a integração das diferentes regiões, deles se organizá pra manter a ordem, deles cuida da ordem, da segurança, de tudo isso né. Então o ambiente acabou se constituindo um certo, um ambiente ideal que acabou juntando isso. Então um pouco é isso, no início das discussões que apareceram sobre o curso que foram tendo. Aí nas características dos participantes ainda era sempre assim '*nos queremos leva jovem, a juventude mesmo.*"

Além de ser para Pizetta um canal de abertura para esse tipo de atividade em outras universidades, foi uma parceria estratégica.

> "para nós a Unicamp não deixa de ser uma universidade importante. Uma das maiores universidades do País, onde aqui se encontra excelentes professores que podem contribuir com o movimento, especificamente com este curso e nós acreditávamos também que a Unicamp poderia ser uma espécie de abrir caminhos para outras universidades. O que de fato tem acontecido, então pelo fato da Unicamp ser uma universidade grande, reconhecida, com nome nacional, ela poderia se tornar uma referência, ter assim uma repercussão na sociedade que poderia motivar outras universidades em outros estados."

Por outro lado, a fala do professor Guedes afirma que a parceria se deu por conta da sua presença na administração da reitoria, embora tenha sido alvo de críticas apresentadas por seguimentos representativos da comunidade acadêmica, construídas pela relação que o professor estabeleceu entre as entidades representativas dos professores, estudantes e funcionários. Ao discorrer sobre o processo de constituição da parceria revela os seus anseios pela mudança social. Mesmo assim, esse professor foi adjetivado como conservador e autoritário por tais seguimentos nos momentos das reivindicações feitas pelos trabalhadores, durante o período em que foi Pró- Reitor de Desenvolvimento Universitário.

Tais afirmações acerca das posturas do professor foram relatadas nos documentos produzidos pelos estudantes, numa carta aberta a comunidade repudiando as condutas do professor [14].

Embora tenha constituído relações de constante embate, marcado por conflitos com os estudantes e funcionários, como é referido na carta, o professor foi uma das pessoas importantes na negociação política para constituir a parceria, segundo as declarações tanto dos representantes do Movimento como as dele mesmo.

A presença do professor na administração é defendida por ele como determinante na constituição da parceria.

> "Nós que acompanhamos o trabalho do movimento, que colaboramos com o movimento, que temos essa proximidade, não é, e que nos foi proposto por eles a realização de um encontro que era um sonho deles, que eles chamam curso massivo, não é, com mais de mil alunos, não é, que nós estivéssemos ocupando esse posição na pró reitoria e acolhemos a idéia, não é, e conseguimos convencer os nossos colegas de recebê-los aqui, né, toda a direção da universidade acabou se convencendo, digamos aqui assim né, da importância dessa iniciativa. Então eu diria que foi por causa disso não foi porque, se permite não é, não porque foi a Unicamp, inclusive nós tentamos coisa similar antes na administração anterior. Eu sou testemunha porque eu acompanhei alguns membros da direção do movimento, inclusive o João Pedro Stédile em entrevistas com o próprio reitor da administração anterior e seus assessores, depois houve outras entrevistas e o fato é que a universidade não acolheu essa possibilidade, né. "

A relação entre ele e o movimento tem uma história longínqua, desde os tempos que assessorava os sindicatos rurais, com sua recente formação em agronomia pela ESALQ- Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade São Paulo, nos meados nos anos 70 e 80, além de ter sido membro da ABRA- Associassão Brasileira de Reforma Agrária, na condição de presidente.

---

[14] Carta aberta à comunidade da Unicamp, 24/02/2000, assinada pelas entidades; DCE, STU, APG e Adunicamp, denunciando e repudiando as condutas do professor, na ocasião Pró-Reitor de Desenvolvimento, ao negociar com os trabalhadores sobre o adicional noturno. Arquivo DCE

A universidade, segundo o professor Guedes, cedeu a infra-estrutura, o uso do ginásio multidisciplinar, local onde os jovens ficaram alojados e participaram das palestras e outras atividades.

Os custos acerca do curso ficaram sob responsabilidade, especificamente, do MST, no que se refere a vinda dos participantes. Já o material didático – caderno, textos e canetas e a pasta – foi uma contribuição da Adunicamp (Associação dos Docentes da Unicamp). A alimentação, basicamente, arroz e feijão foram trazidos pelo movimento.

Quanto à dinâmica do curso, isto é, à vinda e à escolha dos jovens, além de toda a organização interna do curso, se deu de acordo com a "organicidade" do MST.

Os jovens foram selecionados em seus Estados e chegavam à Unicamp juntos, em grupo, por Estado, denominando-se brigadas e cada Estado tinha uma ou mais brigadas e seus respectivos coordenadores gerais da brigada, da segurança e de limpeza e alguns voluntários na saúde, já escolhidos no Estado antes da chegada.

A organicidade é compreendida por Pizetta como a estrutura do funcionamento do curso e que possibilita todo o dinamismo do curso.

> "Nós procuramos já nos estados a organicidade do curso, então eles já vem com um coordenador e uma coordenadora da brigada, já escolhido no estado, o responsável da disciplina, o responsável da saúde, responsável da animação, o responsável pela limpeza, de maneira que já o curso não só aqui, na verdade o curso já começa no estado com esse processo de preparação."

Isto é, os preparativos de seleção dos jovens, transporte e afins iniciaram nos Estados, o que revela que a organização, "organicidade" compõe a formação dos jovens. E acrescenta:

> "organicidade dentro do curso, por exemplo na parte metodológica o curso não se limita às palestras, quer dizer as palestras elas são seguidas fundamentalmente de um trabalho de grupo que se utiliza dessas brigadas, então os estados, como nos estados eles já se conhecem, fica fácil deles aí durante o curso se reunir e fazer o debate, porque o coordenador é reconhecido, então o coordenador coordena o debate, esse debate tem uma riqueza muito grande, porque eles ouvem e eles discutem, eles

debatem ali " eu não entendi isso " ou o assessor deixa uma pergunta para eles darem a sua opinião, então na verdade quando você tem visto, normalmente quando eles vão para os grupos, nós temos aí em torno de quarenta brigadas, na verdade está sendo quarenta mini cursos, porque eles fazem o debate, eles refletem, eles discutem, e depois então tem um outro momento onde é socializado isso, onde eles podem fazer perguntas para os assessores ou podem simplesmente colocar a sua opinião, dizer nós entendemos isso, então nós achamos que a metodologia , não importa se você tem mil ou mil e duzentos, o importante é, são os canais de participação que você tem, então é claro oh, a participação deles não se resume a só isso aí, eles têm reunião todos os dias pela manhã nas brigadas, eles têm, nós temos as reuniões das coordenações das equipes e da coordenação geral, todos os dias, então na verdade a vida da curso eles têm diferentes momentos onde eles têm espaços de participação e de exercício de liderança, de coordenação, de questionamento, de fala, de opina, de maneira que o formato do curso nós achamos que, claro que do primeiro para os demais nós vamos adaptando, nós vamos adequando, mas nós achamos que a participação, ela não se resume às plenárias em si, mas o formato que o curso tem, permite que a grande maioria que o pessoal que participa, tem condições de participar, de opiná "

Segundo critérios, os jovens são escolhidos e é cada Estado que faz a discussão para a seleção dos jovens, tendo em vista o número de vagas para cada Estado já previstos. As diretrizes são dadas pelo Setorial de Coordenação Nacional, mas a forma e dinâmica correspondem ao encaminhado por cada Estado.

"jovens de 15 a 25 anos, que sejam jovens, que estejam participando das lutas, das atividades do movimento nos estados, que estejam preferencialmente nos acampamentos, nos assentamentos, que sejam jovens que tenham perspectivas de virem a serem militantes do movimento e que sejam jovens que não apresentem, assim, problemas né, principalmente de alcoolismo ou esses outros problemas que atrapalham a vida do curso. Outro critério é que nós trabalhamos a participação de homens e mulheres seja meio equitativa, então nós aqui sempre a participação de 30% de mulheres. Então nos estados eles levam em consideração isso. Como eles são escolhidos nos estados?

> Então nos estados o movimento estadual faz uma discussão, levando em consideração esses critérios e aí nós temos uma distribuição de vagas, por estado, que nós levamos em consideração o potencial dos estados com um número de assentados e acampados um pouco também a distância, então priorizamos os estados mais próximos por causa da questão financeira, mas fazemos com que todos os estados tenham representação, então nos estados, cada estado tem autonomia para escolher, para definir quem é que vem, ao curso, levando em consideração esses critérios e de acordo com o número de vagas."

Dentre as atividades do curso a mística é revelada como um elo de constituição política do grupo, estimula a memória presente do grupo. Tal atividade faz parte dos cursos e encontros do Movimento, além das atividades cotidianas nos assentamentos e acampamentos, e portanto esteve presente nas atividades do curso de jovens, e é parte do currículo do curso. Tem como característica o simbólico e é um elemento de constituição de identidade do militante sem terra, uma vez que é um conjunto de ações artísticas, do uso de diversas linguagens, do canto, da poesia, da dança, das músicas e da marcante linguagem teatral, sendo este o recurso mais explorado na mística.

Todos participaram da mística, através de suas brigadas, para relembrar momentos vividos pelos militantes do movimento, tal como os confrontos com a polícia, como por exemplo o jovem Oziel, morto na chacina dos Eldorados dos Carajás em abril de 1996 no Pará, ou as mais diversas situações sociais que viveram e vivem os trabalhadores. Ou ainda retratar ou encenar momentos da escravidão e da colonização no Brasil, porque se busca resgatar a história do Brasil a partir de manifestações culturais, como a capoeira, para afirmação da identidade nacional

Antes do início das palestras e nas atividades da noite, a mística era realizada, como sempre nos cursos do Movimento e teve relação com tema que foi abordado na palestra.

De acordo com Pizetta, a mística não só faz parte do curso, mas é a totalidade socializadora do curso, porque segundo o pedagogo, os jovens, entre eles, durante os dias que passaram juntos, constróem laços de amizade, de cumplicidade e portanto arrisco afirmar, como elementos afetivos de pertencimento ao grupo,

"cria no meio deles uma auto estima, quer dizer eles são jovens mas que tem perspectivas, porque a luta possibilita isso, então a finalidade do curso é nós ir trabalhando isso, para que a gente tenha uma reprodução, na verdade da militância jovem. É claro que esse curso não resolve, mas o curso é um espaço e é um espaço importante, porque a mística que é criada no curso eles não esquecem, então o curso não é só as palestras, mas é a convivência, é a organicidade, é a relação com professores, é a relação com estudantes da universidade, o curso então é um, é bastante amplo. O curso é toda a vida deles aqui nesses dez dias que eles passam aqui."

Segundo Rosseto o que se busca com a mística é uma memória presente, uma forma aprendida com outras organizações populares ligadas à igreja católica e ao movimento sindical. Nesse sentido a mística é o momento de fortalecimento do grupo,

"é um momento de, de ressaltar aspectos não só recuperar a memória do nossos lutadores, recuperar a história do nosso povo, recuperar momentos da nossa luta, muitos mais nesse, nesse sentindo de, da uma unidade, uma identidade maior pra nossa, pros nossos militantes, enquanto uma organização do Movimento Sem Terra "

Quanto à finalidade da existência do curso na vida dos jovens militantes ou dos que possam vir a ser militantes, de acordo com Pizetta, é entender a realidade do Brasil através das palestras, mas adverte:

"É claro que eles não vão entender toda a realidade, juntando a vivência prática que eles tem nos estados e com as aulas que são dadas aqui, eles tem condições de entender melhor, porque é que eles vivem aqueles problemas lá, porque que existem esses problemas na agricultura, porque que não é feita a reforma agrária, porque que existe o problema da violência, porque que existe o problema da exclusão, de maneira que eles consigam voltar para os seus estados com uma visão mais ampla, quer dizer eles vindo para cá abre a visão, eles vão ver que o problema não é deles lá, mas os problemas que eles vivem está relacionado com este contexto mais geral, então em última instância fortalecer a

nossa luta na base, segundo possibilitar com que a juventude veja como perspectiva a luta e não a ilusão da cidade, porque na cidade você sabe que as condições, o desemprego, a violência, a prostituição é vai ser o mundo deles, então que eles vejam com perspectiva a luta, porque através da luta é possível conquistar a terra, conquistar os assentamentos, mas também conquistar a educação até a nível de segundo grau que nós já temos nos assentamentos, conquistar recursos financiamentos para desenvolver a produção"

De acordo com Rosseto há três objetivos quanto à finalidade do curso: conhecimento da história do Brasil, o contato com a universidade e a confraternização e intercâmbio entre eles, dando unidade nacional ao movimento.

"que nossos companheiros, nossos estudantes tenha conhecimento da história desse País, de quais são os problemas estruturais que o País apresenta e sobretudo quais são as alternativas de solução para esses problemas e que nós podemos fazer para mudar né, então o estudo tem como finalidade estuda o Brasil, aprende com o Brasil, aprende com os pensadores brasileiros que pensaram o Brasil e planejaram o Brasil e imaginaram o Brasil, nação soberana, igualitária. O segundo é exatamente essa comunicação, essa interligação do jovem no meio rural com meio urbano e com a universidade. É ele sabe que existe isso, que ele também teria direito a ter acesso ao ensino, uma estrutura de aprendizagem , centro de, como esse aqui né, porque isso se não ele não tem nem conhecimento né, não sabe nem o que que é uma universidade, então ele tem acesso, tanto desse convívio com a universidade, quanto com a sociedade urbana e o terceiro é o motivo da confraternização interna entre nós, entre os militantes do movimento, ou seja de um militante do sul aprender com o do norte, do norte aprender com o do sul, do nordeste aprende com o centro oeste e vice versa né. É esse nosso País é muito grande, a diversidade é grande, cultural, os produtos são grande né. E isso a gente faz exatamente colocando essas pessoas em contato delas e delas terem entre elas esse, esse intercâmbio de informações e de conhecimentos que eles passam esses dez dias aqui se conhecendo é isso que fortalece dá certa unidade dentro do movimento sem terra."

A volta para os Estados permite que o curso tenha uma aplicação prática, de acordo com Rosseto a dinâmica dever ser a mesma nos acampamentos e assentamentos,

> "tem outras atividades não só no estado como regionais de formação. Então há sempre uma continuidade deles sobre esse sistema que eles vem aqui. Aqui a idéia geral é eles ter uma noção geral dos assuntos, depois há uma continuidade nisso né e com o tempo a gente espera também, motiva pra que eles passem a reproduzir esse conhecimento que acumulam aqui, que tem aqui, lá nos seus locais. Então eles promovam também as discussões. É de lá pelos estados."

A idéia é envolver os jovens na militância política, na luta pela reforma agrária e pertencer ao movimento, assim esclarece Pizetta:

> "eles têm tarefas de ajudar essa organicidade do movimento, no assentamento, então participar do núcleo, assumir uma tarefa, nós sempre temos tarefas, por exemplo agora em abril. Nós vamos ter a jornada de lutas, então a gente incentiva eles a participarem das manifestações, das mobilizações, das marchas, como a direção do movimento tá no estado, tá participando desse processo porque eles são escolhidos lá na volta a coordenação regional já sabe que vai ter que envolver eles, então as tarefas são as mais diversas, desde de, especificamente, no assentamento, em algum coletivo, setor que eu mencionei antes e nessas atividades mais gerais de luta, de mobilização."

Currículo do curso

Quanto ao currículo os temas das palestras foram selecionados pelo MST, bem como a escolha dos professores.

O curso teve início no dia 02/07/1999, dia reservado para a chegada dos participantes e credenciamento.

"A história do Brasil: elites e os trabalhadores" foi o tema da primeira palestra, do período da manhã, ministrada no segundo dia, 03/07, pelo economista, professor da PUC-SP e ex-deputado Plinio Soares de Arruda Sampaio.

"Pertença ao MST" foi um tema debatido no período da tarde por Irene Pizetta e Adelar Pizeta, tendo seguimento com um show de Viola com Brás da Viola na noite cutural.

Com o tema "O Povo Brasileiro", a antropóloga e professora da Unesp, Bernadete Aparecida Oliveira, explicou a formação e constituição do Brasil, a partir " das etnias que o compõe", no terceiro dia de curso, 04/07. O período da tarde foi para contar as trajetórias de "Carlos Marighela", por Aton Fon (advogado do Movimento) e a do intelectual e professor universitário "Florestan Fernandes", pelo professor da Unicamp, Plinio de Arruda Sampaio Junior. E à noite o filme "Castro Alves", seguido de debate com o diretor Silvio Tendler.

No dia 05/07, na parte da manhã, a palestra foi sobre "A História da Luta do Povo Brasileiro" pelo professor Chico Alencar, da UERJ- Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Já à tarde a discusssão foi por conta de João Pedro Stédile, membro do MST, com o tema "Reforma Agrária e Movimento Camponeses". E no período da noite a peça "Desobediência Civil" com a artista Denise Stoklos.

O professor Gilberto Vasconcelos da UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora, com o tema a "Cultura Transformadora" iniciou as atividades do período da manhã do dia, 06/07. "A cultura de Massas Hoje" foi o tema de Alcione Araújo. E a noite foi seguida de outro filme, "Ação entre Amigos", de Beto Brant.

"A História da Agricultura Brasileira" foi o tema discutido pelo professor da Unicamp Luiz Carlos Guedes Pinto no período da manhã do dia 07/07. "O Papel dos Meios de Comunicação" foi discutido por Juares Soares e Caco Barcelos, também no mesmo dia, no período da tarde. E à noite a peça "Os Companheiros" – encenada pelo grupo Ensaio Aberto, do Rio de Janeiro.

José Arbex, jornalista da revista Caros Amigos e professor da PUC-SP, discutiu "A Política de Dominação Via Drogas", dividindo o período da manhã, do dia 08/07, com o membro do MST, Edgar Kolling, que discutiu o tema "Os Valores do MST e a Importância do Estudo."

A discussão da tarde foi sobre "Gênero e Feminismo", realizada por Tatau Godinho e Lélia Abramo. E à noite o filme "El Regresso" sobre Ernesto Che Guervara e música latinas com Antunes e Taracon.

UNICA... ...BIBLIOTECA

No dia 09/07 o imperialismo norte americano foi discutido pelo embaixador Samuel Guimarães com o tema "A estratégia dos Estados Unidos para América Latina" e o tema debatido por César Benjamim foi "A Situação Atual do Brasil e a Consulta Popular", no período da tarde. E à noite, além da apresentação da Unibanda da Unicamp, houve exposição fotográfica Travessia de Sebastião Salgado.

Frei Betto e Leonardo Boff dividiram o dia 10/07. O primeiro para falar sobre "Os Valores da Nova Sociedade e a Importância do estudo e militância dos jovens", no período da manhã. Já o segundo para debater "A Utopia de uma nova sociedade", à tarde. A noite foi dedicada para as diversas manifestações culturais das mais diferentes regiões do País foi atividade cultural da noite apresentadas pelos jovens dos distintos Estados do País.

"Os desafios da classe trabalhadora e a construção de um projeto popular" foi o tema discutido pelo membro do MST, Ademar Bogo, no dia 11/07, no período da manhã. A discussão do "Embelezamento dos Assentamentos", junto com as "oficinas de plantio de árvores" foi feita por Adalberto da CONCRAB[15]. E o show do cantor Zé Geraldo, neste mesmo dia, encerrou as atividades do curso.

O dia 12/07, no período da manhã, foi para avaliação do curso nas brigadas e ato de encerramento que contou de novo com a mística.

Os professores convidados para participar do curso foram e ainda são escolhidos por sua aproximação com o movimento. São chamados de assessores, o que retoma uma origem do sindicalismo rural. O termo assessor, segundo (PINHEIRO, 1999)advém do período em que os sindicatos eram os mediadores centrais nos conflitos pela terra e no campo nos anos 70 e 80, pois haviam alguns professores e pesquisadores que estudavam a questão agrária e faziam algum trabalho com estes sindicatos.

Pizetta afirma que estes professores geralmente são escolhidos porque têm proximidade com a proposta do movimento.

> "tem vários professores que nós conhecemos, procuramos trazer professores que dominam o conhecimento na área, que estejam afinados com a nossa proposta, que tenham já uma certa habilidade de trabalhar com linguajar que o pessoal entende e tem

[15] No dia de 09/07 um grupo de jovens do MST, realizou o plantio de 48 mudas no campus, segundo as informações do jornal Correio Popular.

> professores que nós indicamos, que nós sugerimos, mas também nós estamos abertos a professores que são indicados pela Unicamp, pela universidade, então por exemplo têm alguns que é a primeira vez que trabalham conosco."

Segundo Rosseto os professores sempre estão dispostos a contribuir, porque querem colaborar com a Reforma Agrária,

> "Normalmente tem uma proximidade porque é tudo trabalho voluntário, nem um deles recebe ou cobra para vim nisso né. Todos eles gostariam de colaborar com a Reforma Agrária, mais que, eles sabem que a Reforma Agrária é importante para o País. Então o curso abre pra eles uma possibilidade deles realmente dá uma colaboração efetiva na luta pela Reforma Agrária. Então sempre encontramos muita disponibilidade, muita acessibilidade com essas pessoas pra que eles viessem nesse período, que normalmente é um período de férias, mas tão sempre dispostos a dedicar parte do seu tempo pra ajudar na formação desses jovens e é muito de uma relação de indicação, amigos, próprias pessoas que dizem olha quero ajuda, parte da iniciativa deles que querem ajuda, querem colabora. Então é um somatória disso tudo"

A fala de alguns professores que participaram do curso.

A relação que José Arbex Junior, professor da Faculdade de Comunicação da PUC-SP e Doutor em História, constituiu com o MST se deu a partir da cobertura jornalística que a Caros Amigos começou a fazer dos conflitos enfrentados pelos membros e militantes do movimento com a polícia, bem como uma admiração pela organização política deste movimento social

> "a minha relação com o MST é bastante longínqua do ponto de vista da admiração e do respeito que eu tenho por esse movimento, respeito político e intelectual. Agora começou a ser dar de uma forma mais intensa, a partir da cobertura jornalística que a Caros Amigos fez, ah! de conflitos, em que a polícia associada a jagunços perseguiu militantes do MST com casos de tortura e assassinatos e a gente percebeu que nada disso sai na mídia, então a partir daí eu me dei conta de que existe um movimento fundamental pro Brasil que é o MST, que é caluniado, insultado pela mídia e que na verdade merece todo o apoio de todo o mundo que luta pela democracia, quer dizer a partir daí, que se começa a se dá, uns quatro anos atrás, começo a se dá um aproximação mais intensa com o MST"

A importância do curso, segundo o depoimento do professor do Instituto da Economia da Unicamp, Plinio Soares de Arruda Sampaio Júnior, tem pontos favoráveis à universidade, pois a realização do curso suscita debates no interior da universidade, entre professores, estudantes e funcionários, além de fazer com que os estudantes despertem para outro grupo social, como os jovens participantes do curso. O professor é enfático quanto ao caráter público da instituição na formação dos cidadãos:

> "a universidade cumpri o seu papel público de colocar o conhecimento acumulado à disposição do conjunto dos brasileiros, então nesse sentido eu acho extraordinário, mas acho que também o curso é importante para a própria universidade. Por quê? Porque o curso oxigena a universidade, coloca a universidade em contato com os dilemas, as tensões, as contradições do povo brasileiro, então o meu depoimento é que os meus alunos ficavam contentes e orgulhosos de abrigar o MST aqui, um pouco perplexos, um pouco curiosos, mas predominava no meio de tudo isso aqui, um sentimento de orgulho da minha universidade abrir o espaço para entrada do MST, então eu acho que isso é importante para os alunos, oxigena, coloca os alunos em contato com brasileiros de outra classe social, de outra tradição e que também estão na busca do conhecimento. Acho a experiência importante para os professores, porque a mera presença do MST aqui, já é uma presença controvertida que suscita o debate que coloca a questão do problema agrário na pauta da universidade, e a universidade é um lugar do debate, de crítica, isso em si é bom, e acho a presença do MST bom institucionalmente, pra que a universidade se consolide como patrimônio do povo brasileiro"

Os conteúdos trabalhados no curso, por este professor, têm uma relação direta com o seu trabalho como ele esclarece ao ceder a entrevista:

> "Neste primeiro curso eu fiquei muito contente, porque eu fui convidado para fazer uma aula sobre o Florestan Fernandes que é enfim, um pouquinho para explicar para os meninos, porque que a escola do MST de formação chamava Escola Florestan Fernandes, então isso tem a haver com o meu tema de trabalho. Eu trabalho os problemas de desenvolvimento, neste sentido, eu trabalho com os grandes pensadores do Brasil que pensaram os dilemas do

> desenvolvimento nacional entre os quais, que é tema, um dos autores, tema da minha tese. "

Mas salienta que para ser chamado nos cursos do Movimento há um "denominador comum" entre ele e o MST:

> " eles querem entendem quais são os problemas do povo brasileiro, quais são as suas possíveis soluções, qual é o dilema da sua solução que beneficia o conjunto dos trabalhadores do campo e da cidade(..) Brasil". Então na verdade eu tenho uma relação muito é, que pra mim me dá muita satisfação com o MST, porque o MST quer saber, aquilo que estudo, então pra mim os meus melhores alunos são, vamos dizer, os militantes, os garotos do MST."

Quanto aos conteúdos Arbex justifica porque trabalhou tais conteúdos, ao fazer o debate "Da dominação via drogas", como já citei na parte do currículo do curso .

> "desde o primeiro momento tenho trabalhado com a questão das drogas, porque eu acho que essa discussão é absolutamente fundamental, já que na minha opinião se trata de um problema político, não é um problema moral, nem de saúde e etc, embora é claro que existam questões morais e existam questões de saúde, têm! Agora, é fundamentalmente um problema político que é a maneira pela qual a burguesia utiliza o narcotráfico como a forma de chantagiar o povo trabalhador e ao mesmo tempo como o Estados Unidos utiliza a guerra do narcotráfico, como pretexto para invadir a Amazônia e ocupar militarmente a Amazônia."

A antropóloga e professora universitária do curso de Geografia da Unesp, campus de Rio Claro, Bernadete Aparecida de Oliveira tem uma relação antiga. Acompanha o MST em São Paulo desde as discussões e reuniões que originaram a formação dos assentamentos no município de Sumaré na década de 80, antes da constituição dos acampamentos, segundo seu depoimento.

E ainda esclarece que a discussão feita por ela, tem a ver com o tema geral do curso "realidade brasileira ". É uma professora que esteve presente em todos os cursos até o quarto.

"o tema que eu trabalho, porque na verdade é formação do povo brasileiro que foi a primeira vez quando eu trabalhei com eles na verdade bem centrado nas obras de antropólogos, de sociólogos, na verdade de pensadores brasileiros que tratavam a questão da formação da nação e da formação do povo numa ótica de valorizar os movimentos sociais. Então nesse sentido a gente se apoiou muito no início, no primeiro curso de 99, na obra de Darcy Ribeiro, O povo brasileiro, foi a primeira discussão que o movimento estava lendo, discutindo a obra do Darcy Ribeiro e eu tive a oportunidade de participar com eles, desde 97, nessas primeiras discussões até que quando houve o curso aqui em 99, eh, eu procurei colocar a obra do Darcy Ribeiro uma discussão política e social que ele faz na obra da questão da cultura e as relações entre a cultura e a sociedade e a formação histórica do povo brasileiro com o tema de realidade brasileira do ponto de vista, de que na verdade, algumas questões, conceitos que a gente discuti do ponto de vista mais geral sobre o povo brasileiro pudesse estar contribuindo com esse jovem pra esses jovens que vem aqui atuarem de volta nos seus locais de origem no assentamento ou no acampamento, porque um grande problema que não é só pro MST, mas pra todos nós, inclusive pra nós da universidade é a questão do relacionamento entre pessoas, que é um questão de valores culturais. Então a grande preocupação era juntar um pouco e uma contribuição daquilo que o tema sobre o povo brasileiro podia oferecer, com a questão da realidade que eles iam enfrentar futuramente nos assentamentos ou nos acampamentos. Então a idéia era fazer essa ponte tentando esclarecer questões de ordem de racismo, de exclusão, de dependência, pra que eles resgatassem um pouco da sua própria cultura no contato com os outros diferentes"

Podemos compreender a partir das entrevistas cedidas por estes professores, o que já havia sido dito pelo Coordenador Pedagógico do curso: que os professores convidados são aqueles que tem aproximação com o Movimento, " afinidade " como disse Pizetta. Não é só o que o professor pesquisa, existe uma proximidade política seja pela cumplicidade com o Movimento ou por um simples apoio.

Tal como pode ser lido na fala do professor Plinio, uma relação que se constitui pela afinidade política, como ele mesmo afirma

> " Uma relação política de identidade, de objetivos e de identidade do modo de trabalhar do MST. E é uma relação antiga. Colaboro regularmente com o MST, pelo menos desde meados dos anos 90. Então eu colaboro na forma de participação em cursos de formação, participação no congresso do MST, nas reuniões anuais do MST nacional e em diversas regiões, então eu tenho uma relação muito próxima com o MST. Faço parte do conselho editor da revista do MST, então nós temos uma relação estreita, uma relação vamos dizer, de colaboração com o MST e de identidade política".

Relações que já vêm de uma longa trajetória que para além de uma trajetória acadêmica é política, como o caso de Bernadete nos meados da década de 80. Ou de cumplicidade, a exemplo do Arbex, pela sua ética jornalística, como é afirmado por ele, pelo compromisso de registrar, fazer reportagens de apoio ao Movimento.

A participação dos professores no curso não diz respeito somente ao envolvimento político, também considera-se o trabalho de ensino e pesquisa desenvolvido por tais professores, o que pode ser lido nas suas falas. Portanto pode ser um dos motivos, porque são escolhidos e discutem os temas sobre os quais trabalham. O que já foi afirmado pelo coordenador pedagógico do curso, quanto à "afinidade" com a proposta política do MST, embora estão abertos a mais professores que desejam contribuir.

A fala de alguns jovens que participaram do curso

Domingos Quadra é um dos jovens que participou do primeiro curso e estava participando do quarto. É assentado em Nossa Senhora Aparecida, no município de Mariluz , no Estado do Paraná, tem 28 anos, estudou o curso técnico agrícola no ITERRA – Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária, escola do MST de ensino médio e de formação profissionalizante, localizada na cidade de Veranopolis-RS.

Disse que veio para o curso, porque tinha a motivação de estar mais atualizado e bem informado sobre a situação do País e melhorar o trabalho no assentamento e na sua região, mas a sua vinda foi definida pelas coordenações do Estado e regional, uma prática pela qual todos os jovens passaram, que é parte da

dinâmica do curso, a escolha dos jovens depende das discussões feitas em cada região e em cada Estado. .

Para Amanda, a sua vinda foi para contribuir com a organização do segundo curso. Também é formada pelo ITERRA em magistério e é assentada na região de Itapeva, em São Paulo. Com 22 anos participa do setor de formação do seu Estado, e está no movimento desde os cincos anos de idade quando seu pai resolveu acampar nos anos 80. Sua tarefa, uma vez que segundo ela, no movimento todos têm tarefas a desempenhar e que a motivou, foi o compromisso em ajudar na organização do 2° curso.

> "eu já tinha experiência de coordená outros cursos, mas não um curso especificamente pra jovens. E assim o que me motivou a vim ajudá nesse curso, foi assim acho que, acho que o compromisso com o movimento, então a gente tem um compromisso com o movimento que motiva a gente a cada atividade com o Movimento Sem Terra, na verdade, desenvolve acho que é o compromisso e acredita né, nas tarefas que o movimento vem desenvolvendo por eu acreditar nisso, então a gente tem disponibilidade de vim trabalha, de se dispor a trabalha nos cursos, nos encontros, nos trabalhos, nas tarefas né, acho que o que me motivo também foi por ser um curso de jovens é bem mais gostoso né."

Já para Marcos a motivação foi para conhecer mais o MST e sua organização nacional, pois fazia pouco tempo de acampado quando foi convidado a participar. O jovem tem 20 anos e é acampado no Rio de Janeiro, na região metropolitana e atua na Coordenação Regional da baixada fluminense nos setores de finanças e gênero. Acabou de concluir a oitava série por eliminação de provas e iniciará os estudos em comunicação social também no ITERRA, em maio de 2002.

Valmiran assentado em Malhada – Piauí, a 402 km da capital, atuando no setor de formação nacional (assim como Amanda, estava na coordenação do quarto curso) disse que os conteúdos e o tema do curso "Realidade Brasileira" que o motivaram. Tem 26 anos, foi acampado durante três anos e faz quatro anos e seis meses que é assentado.

> "me despertou uma curiosidade em entende mais qual a realidade da juventude brasileira, por conhecer apenas a realidade mais localizada a nível de regional nordeste fiquei é curioso pra entende qual é a realidade da juventude brasileira e especial do meio rural dos outros estados, das outras regionais, que então eu não conhecia ainda. Então isso foi um elemento que motivou a minha participação por outro lado é, enquanto Movimento Sem Terra vim também cumpri uma tarefa designada pelo coletivo nacional formação que é de ajuda a coordenar esse curso."

Ao falar da importância do jovem para o MST, Amanda acrescenta que a juventude é parte do presente, é aquela que constrói o Movimento.

> "A juventude do Movimento Sem Terra hoje ele é o presente né. Ela é assim como, as mulheres, os homens e as crianças né, as pessoas, é acho que dentro do Movimento Sem Terra a gente trabalha muito isso né, a questão da juventude, homens, mulheres e crianças são os construtores do Movimento Sem Terra né, então a juventude hoje, ele é construtor do Movimento Sem Terra né, a gente acredita que ele num é quem vai assumi o Movimento Sem Terra daqui pra frente, daqui pra frente que eu falo num período muito grande né, então por isso que a gente trabalha a juventude hoje né, porque a gente acredita que a juventude hoje ajuda a construir o Movimento Sem Terra, não só os acampados novos, os assentados novos que virão né, mas essa juventude filhos de assentados, filhos de acampados do Movimento Sem Terra né. Eles não tão é como se diz né, um futuro muito longe né, eles são o presente acho que a juventude hoje constrói o Movimento Sem Terra né, eles são os herdeiros, então dessa luta, eu por exemplo meu pai quando veio acampar eu tinha cinco anos de idade né. Então assim é todo um processo de luta que vem desenvolvendo, assim de trabalho né ."

De acordo com as falas a aplicação prática do curso se dá no cotidiano do militante, nas mais diversas manifestações, nas coordenações e atuação nos núcleos dos assentamentos e acampamentos.

Isto é, a aplicação prática é para formação de novos militantes, tal como a fala de Marcos, o curso despertou nele a vontade de ser militante do Movimento:

> "eu tava realmente muito feliz por ter feito o curso e tava com aquela motivação muito forte e aquele amor pelo Movimento Sem Terra já muito grande, tomava conta de mim e já cheguei no acampamento querendo contribuir no acampamento, praticar mesmo o que eu tinha aprendido e até mesmo aperfeiçoar meus conhecimentos, melhora os conhecimento, praticar realmente. E então como eu cheguei no dia 24, 25, cheguei no acampamento. No dia 3 de março eu fui participar do acampamento de mulheres que teve na Cinelândia, uma praça do Rio de Janeiro, em frente ao Teatro Municipal e assim de cara no primeiro dia o meu dirigente deixou eu responsável para coordenar as 15 famílias eu e mais duas moças pra coordena, mas só que uma foi embora e a outra não sabia coordenar direito, não tinha um, punho pra coordena. Então como eu, recém saído do curso estava super empolgado mesmo, acabei assumindo o comando, acabei coordenando e me esforcei o máximo possível naquele acampamento de mulheres que tava na praça"

Já Domingos teve a função de organizar o setor de produção no assentamento, uma vez que tem formação técnica para isso:

> "a gente tá desenvolvendo né, é associação dentro do meu assentamento, né, que são associação de gado de leite orgânico, a gente tá se especializando melhor nessa área né, e mesmo a minha função também é organizar dentro dos assentamentos o setor de produção como eu fiz o curso de técnico agrícola e especialização né. Aí a gente organiza o setor de produção dentro dos assentamentos que pertence a nossa região, nossa ali. Hoje eu atuo nesse setor mais.

A formação do militante não é determinada pelo curso, pois ela compreende a aplicação prática do que ele aprendeu no local de atuação dos jovens participantes do mesmo. O curso dessa forma é pontual, uma parte da constituição da formação do militante. Para que possa se tornar uma liderança.

São as suas práticas de militância que determinam a sua liderança, práticas estas que se inserem em um dado contexto de relações políticas e sociais vividas no local de morada dos jovens nos acampamentos e assentamentos, através dos núcleos familiares, nos setores de formação, educação e nas equipes de alimentação, saúde e segurança, que compõem a realidade organizativa dos acampados.

Nesse sentido, a aceitação da liderança se dá nas relações do militante e com os acampados e assentados. São as suas práticas de militante que se configuram como uma liderança, o que depende também das suas escolhas.

O curso então corresponde a uma etapa que visa um objetivo maior, essencialmente a formação humana e política, seja pela transmissão dos conteúdos através das palestras e da produção dos conhecimentos entre os jovens nos debates das brigadas, seja também pela convivência social dos jovens, das relações constituídas pela organicidade, referida pelo Movimento.

São conhecimentos que acabam por se tornar saberes legítimos ou aceitos socialmente, uma vez que o curso se dá no espaço da universidade, o lugar convencionalmente circunscrito pelo saber legítimado, *locus* da produção dos conhecimentos científicos, portanto os conhecimentos produzidos no curso se tornam mais aceitos socialmente, porque são produzidos no espaço institucional.

Tais saberes produzidos, no entanto, já são legítimos, porque são representativos de um grupo que independe do que a universidade confere a este, de onde acontece o curso, porque tal grupo, pertencente ao movimento social, é portador destes conhecimentos produzidos, mas que se articulam com os que estão sendo produzidos pela universidade.

Dessa forma a parceria entre a universidade e o movimento, através do curso, é um mecanismo que tende a torná-lo aceito e legítimo pela sociedade.

Mas isso não restringe o curso e o seu papel e sua função é também um espaço de formação de identidades dos jovens no âmbito do que se entende por formação humana e política, de pertencimento a um movimento social, à identidade do sem-terra. Isso pode ser observado na fala do jovem Marcos, a sua vinda ao curso foi ela curiosidade em conhecer a organização do Movimento, mesmo já desempenhando tarefas na coordenação do acampamento. A condição de experiência coletiva, junto aos outros jovens, reafirma a sua continuidade como membro do Movimento, apresentando-se como militante sem- terra.

6-Considerações Finais

O curso, enquanto uma negociação política que estabelece uma parceria entre a Unicamp e o MST, é significativo nas relações políticas que compõe a sociedade política – segundo TORRENS (1994). Uma sociedade não apenas constituída dos poderes legislativo e executivo, mas que inclui os movimentos de resistência, permite a existência de uma sociedade democrática, onde a grande parte da população, os trabalhadores, seja ouvida.

Dessa forma a entrada do movimento, através do curso na universidade, representa a inclusão das vozes dos trabalhadores no cenário político, a inserção dos jovens sem terra na universidade pública, geralmente difundida como espaço de formação das elites (uma afirmação que não pode ser desconsiderada, já que há poucas universidades públicas e formam 2% dos jovens brasileiros, sendo uma hipótese de que são jovens, geralmente, de classe média urbana) . Ou seja a inclusão pelo debate instaurado fora da universidade na imprensa, das discussões acerca da função social da universidade e da legitimidade do MST em organizar as famílias como intuito de pressionar a realização da reforma agrária, ocupando terras. Torna-se a universidade pública, um espaço onde jovens de classes diferentes com interesses antagônicos.

Embora o grupo que administrou a universidade durante a realização da parceria possa ser visto como progressista, foram inúmeras as ações e práticas autoritárias nas condutas para administrar a instituição, revelando pouco e por vezes ausente diálogo com os movimentos sindicais de funcionários e docentes e do movimento estudantil.

O fato da universidade não ser monolítica (tal como outras instituições oficiais e entidades sicindicais), historicamente não se constitui como espaço de formação dos trabalhadores, no entanto abre a possibilidade de negociação pelas contradições presente no espaço da universidade.

Tratando-se do grupo que esteve no poder administrativo à época aponta-se que o êxito da parceria se deveu a determinadas pessoas que compunham o grupo, que tinham trajetórias acadêmicas e políticas que permitiram a realização do curso. Considera-se também que a composição da instituição não se dá de forma abstrata, mas que a dinâmica das negociações se efetivam pelas práticas políticas, segundo as ideologias e visão de mundo dos interesses em questão.

O MST, por sua vez, ao efetivar a parceria com a Unicamp, do ponto de vista da representação política e social na sociedade, amplia a sua imagem e externamente dos seus militantes, ganha legitimidade e aceitação social, porque recebe a credencial da universidade por ser ela um espaço de formação oficial e legal, pois ao firmar tal parceria, reconhece a formação política de seus membros e suas ações como legítimas. Firmando-se com autonomia pedagógica e política, através das suas escolhas metodológicas, seleção dos professores e conteúdos do curso é reconhecido pela universidade pela sua organização.

Tal respaldo, também pode ser conferido no livro de comemoração dos 35 anos de Universidade, que reúne os "eventos que marcaram a trajetória da Unicamp", e que cita, em ordem cronológica, entre uma série de eventos, além das atividades de ensino e pesquisa, "os cursos Sobre a Realidade Brasileira oferecidos aos jovens integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra", trazendo em seus registros o evento do ano 2000 "A Unicamp sedia o II Curso sobre Realidade Brasileira" (Martins,2001:9, 240)

O curso compreendido na sua totalidade foi um acontecimento político de afirmação numa sociedade que se inscreve como democrática, ocupando um espaço que deve se ocupado por todos, a universidade pública.

A organização do curso revela o mesmo tem a característica de auto-organização, pois é mantido pelos próprios jovens, através da formação das brigadas e das equipes de limpeza, segurança, definido pelo coordenador pedagógico de "organicidade", como a estrutura do funcionamento do curso e que possibilita todo o dinamismo do curso, .isto é a formação dos jovens passa também por manter o funcionamento do curso, que já fora iniciada nos Estados.

Do posto de vista da compreensão da formação pedagógica e política o curso constitui–se como significativo na construção de identidade dos jovens pertencentes a um movimento social, composto de trabalhadores, e ideologicamente projetam-se em uma consciência revolucionária ao proporem o fim do capitalismo e desejarem o socialismo.

A experiência de estar juntos os envolve na construção e formação de identidade de cada jovem sob viés da militância política, bem como da convivência permeada pelas relações afetivas construídas ao longo do curso. Uma formação que

envolve laços afetivos, relações sociais e manifestação cultural, canalizam para um sentimento de pertencimento a um movimento social, à identidade do sem-terra.

7- Imagens dos cursos

Foto: Assessoria de Imprensa da Unicamp – Curso de jovens do MST/2000

(mística)

Foto: Assessoria de Imprensa da unicamp/20000
(mística)

Foto: Assessoria da Imprensa da Unicamp/1999
(mística)

Foto: Assessoria da Imprensa da Unicamp/1999
(palestra)

Foto: Assessoria de Imprensa da Unicamp – curso de jovens do MST 2000
(Discussão por brigadas depois da palestra)

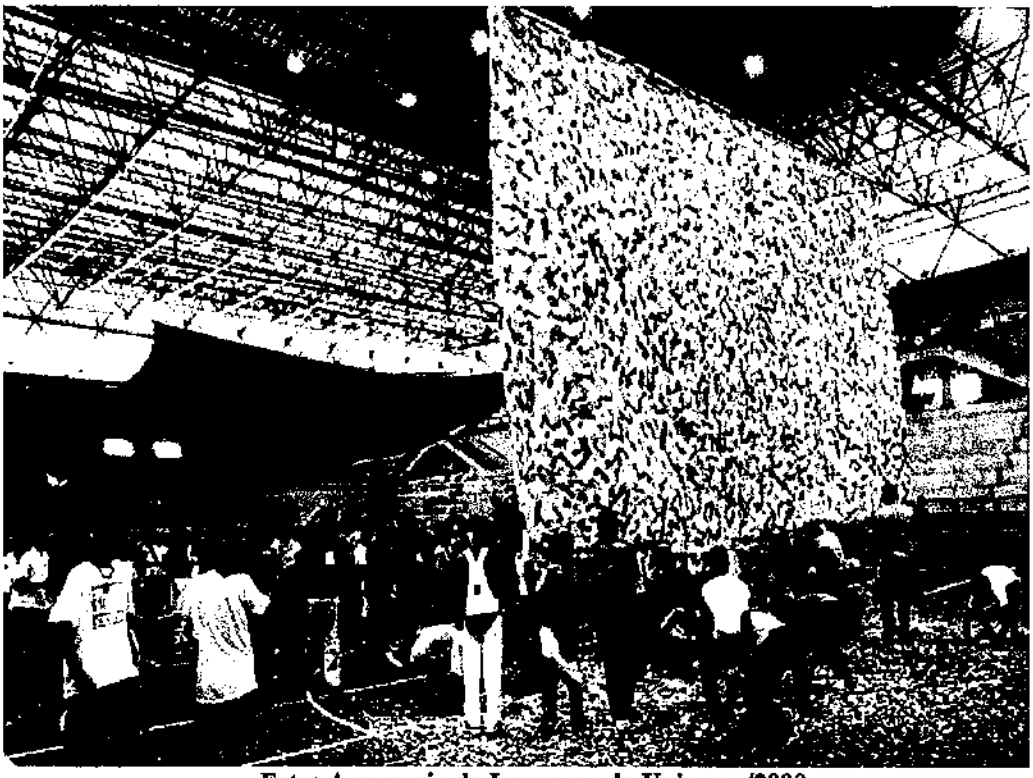


Foto: Assessoria da Imprensa da Unicamp/2000
(Mística- costrução da bandeira feitas pelas roupas e tinta das marcas dos pés dos jovens)

Foto: Asssessoria da Imprensa da Unicamp/2000
(vista do outro lado da bandeira)

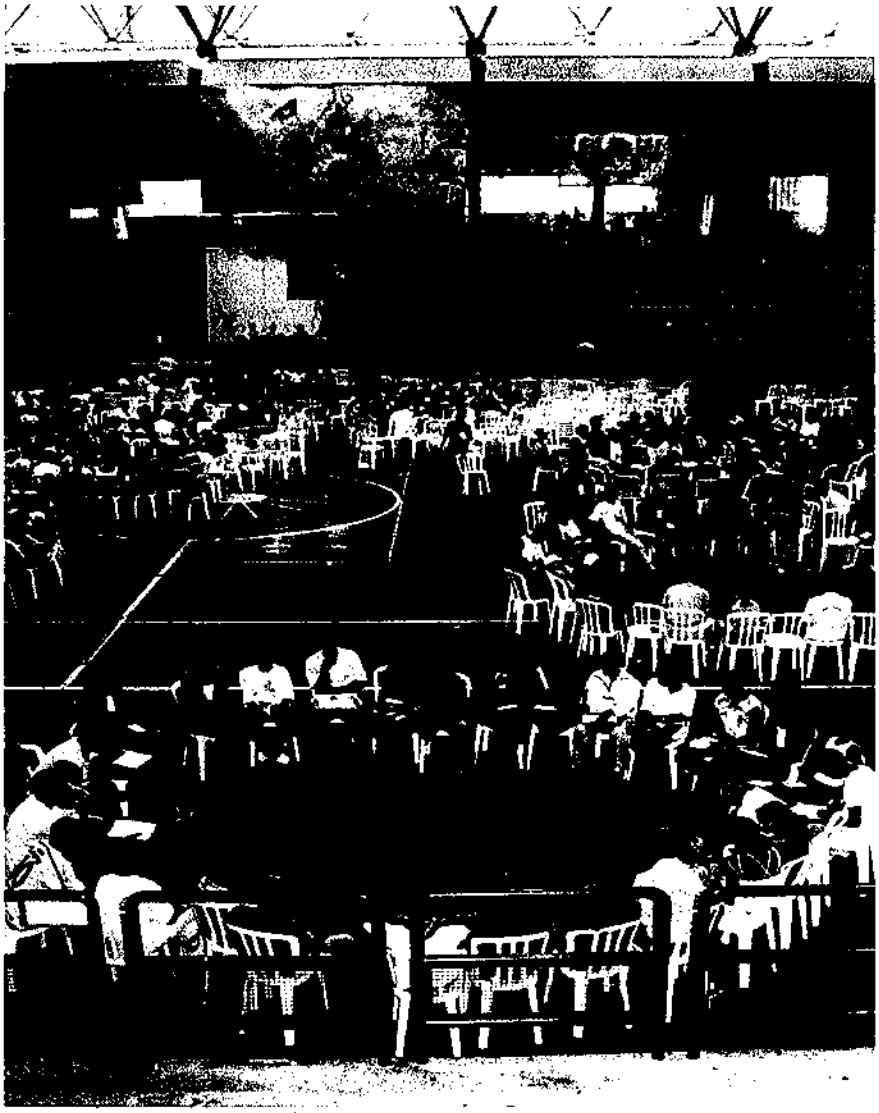


Foto: Assessoria da Imprensa da Unicamp/2000
(Discussão das brigadas depois da palestra)

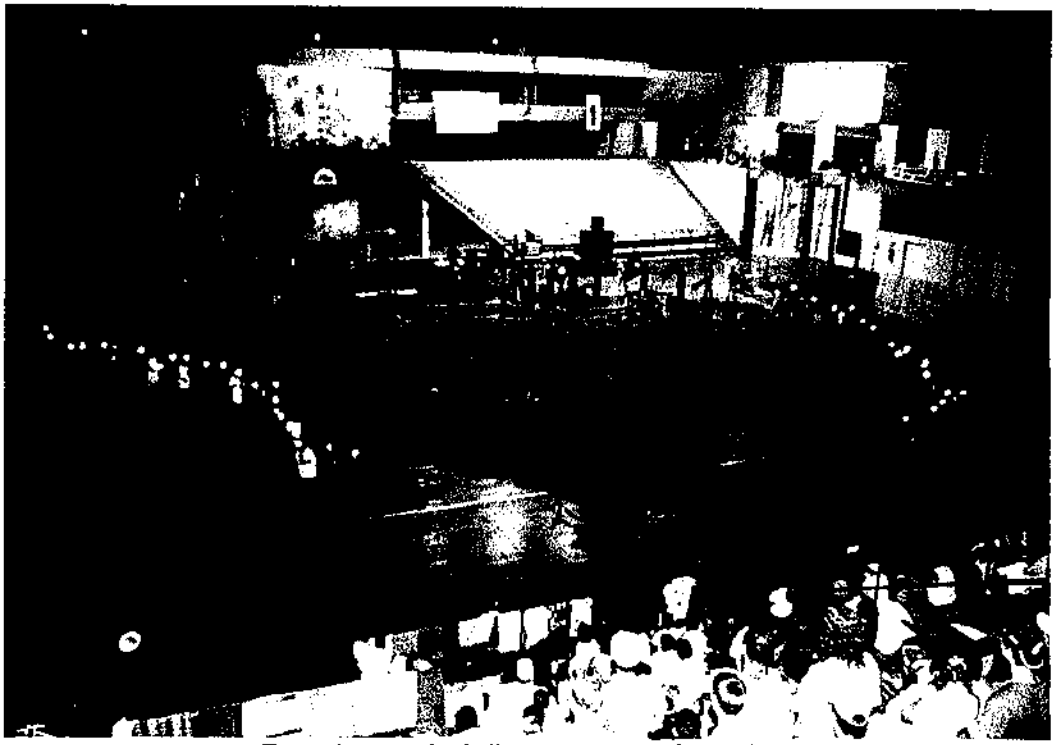


Foto: Assessoria de Imprensa da Unicamp/2002
(Mística de abertura)

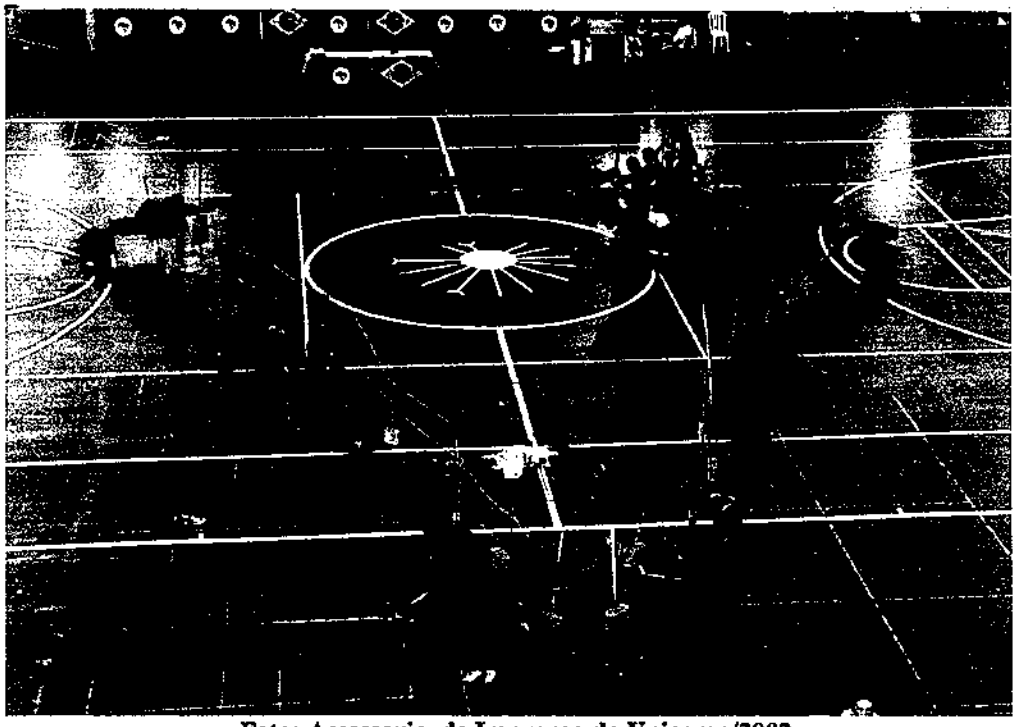


Foto: Assessoria de Imprensa da Unicamp/2002
(Mística de encerramento)

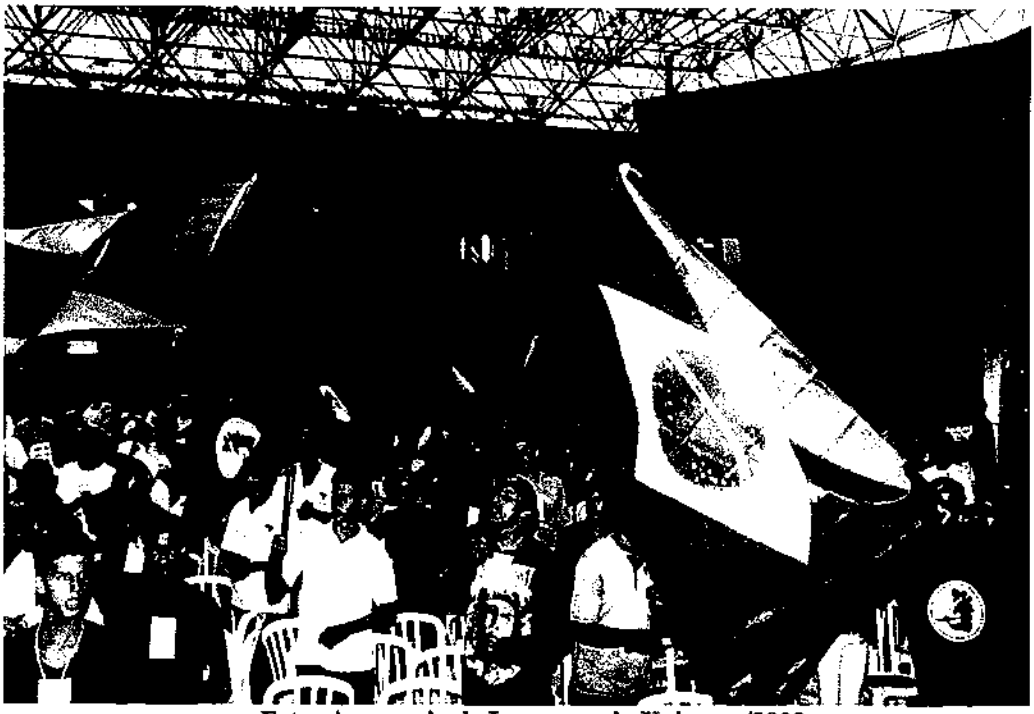


Foto: Assessoria de Imprensa da Unicamp/2002

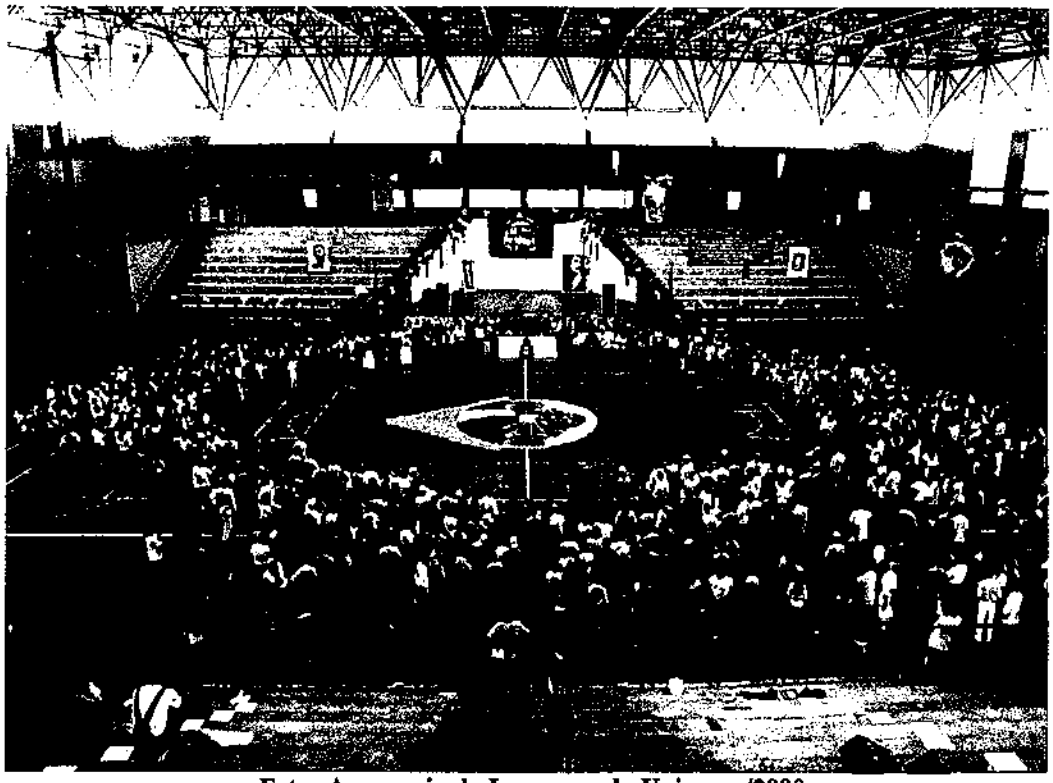


Foto: Assessoria da Imprensa da Unicamp/2000

8- Referências Bibliográficas

ANDRADE, Márcia Regina de Oliveira. **A Formação da Consciência Política dos Jovens no Contexto dos Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra** 1998 Tese (Doutorado em Educação) - .Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas

_____.**O destino incerto da Educação entre os Assentados Rurais do Estado de São Paulo** 1993 Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas

ARROYO, Miguel. A Escola e o Movimento Social: Relativizando a Escola. **Revista Nacional de Educação** Volume 6, número 12, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Trabalho do Saber: Cultura Camponesa**. Campinas: Cortez, 1990.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Reformada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em Movimento: Formação de Educadores e Educadoras do MST.** Petropólis: Vozes, 1997.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: Escola é mais que escola no MST.** Petropólis: Vozes, 1999

Cadernos de Educação, número 8, São Paulo, 1999. **Princípios da Educação do MST**

CARDOSO, Carolina. Sem-Terra plantam árvores na Unicamp. Correio Popular, 10/07/1999.

CAPELO, Maria Regina Clivati. **Educação, Escola e Diversidade. Cultura no Meio Rural de Londrina: Quando Presente Reconta o Passado.** 1999 Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas

DAYRELL , Juarez. A Escola Como Espaço Sócio-Cultural In: DAYRELL, Juarez (org) **Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte:UFMG, 1996, pp. 136-161.

DEMARTINI, Zela de Brito F. & LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Educando para o Trabalho: Família e Escola com Agências Educadoras. In:* **Anais do Seminário Educação no meio Rural.** Brasília, 1983,. pgs. 196-209.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikháilovitch. **Os Irmãos Karamázovi**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

FERNANDES, Florestan. *Ciências Sociais: na ótica do intelectual militante.* **Revista dos Estudos avançados da USP**. Vol. 8, número 22, p. 123- 156, set-dez, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral.** São Paulo: FGV, 1994.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Ed: Paz e Terra, 1975.

Folha de São Paulo. Caderno Campinas. Unicamp ajuda MST a formar líderes, 06/07/1999.

_____. Editorial, Confusão de Tarefas, 07/07/1999.

_____.MST monta ataque com aparato de marketing, 07/07/1999

_____. MST na Unicamp. 11/07/1999

GRYBOWSKI, Candido. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo**. Petrópolis: Vozes, 1987.

IOKOI, Zilda Gricoli. **Igreja e Camponeses**. Hucitec: São Paulo, 1986.

Jornal Sem Terra. Mensal Julho, 1999.

KOLLING, Edgar José; NERY, Irmão & MOLLINA, Mônica C. **Por uma Educação Básica do Campo**. Brasília: UnB. 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** 3. Ed. Campinas: Unicamp, 1994.

LEVY, Clayton. Jovens líderes do MST têm aula para embelezar acampamento. O Estado de São Paulo, 09/07/1999.

LLUCH, Xavier. Interculturalismo Uma leitura crítica da interculturalidade .**Revista Pátio**. Ano 2, n. 6, p. 53-56, Agosto/Outubro. 1998

MARTINS, José de Souza. Valorização da Escola e do Trabalho no Meio Rural. In WERTHEIN, Jorge; BORDENAVE, Juan Diaz (orgs) **Educação Rural no Terceiro Mundo: Experiências e Novas Alternativas**. 1985. p. 249-265.

MARTINS, Maria do Carmo. **A construção da proposta da proposta curricular de História da CENP no período de 1986 a 1992: confrontos e conflitos.** 1996 Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de-Campinas

MARTINS, Neire do Rossio. **Unicamp: 35 anos Ciência e Tecnologia na Imprensa.** Campinas:Unicamp, 2001.

NEVES, Lucila de Almeida. *Memória, História e Sujeito: Substratos da Identidade.* Texto apresentado no III Encontro Regional Sudeste de História Oral, Mariana, 1999.

NOVAES, Regina Reyes. A Mediação no Campo: entre a Polissemia e a Banalização In: MEDEIROS, Leonildes Sévolo (Orgs.). ***Assentamentos Rurais:*** **Uma Visão Multidisciplinar**. São Paulo: Unesp, 1994.

PESSOTTI, Alda Luzia. **Ensino Médio Rural: As Contradições da Formação em Alternância**. Vitória: UFES, 1995.

PINHEIRO, Diogenes. **Batismo de Fogo: Lideranças Políticas em Assentamentos Rurais no Rio de Janeiro.** 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) -. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas

QUINTANA, Mário. **Antologia Poética.** Porto Alegre: L&PM POCKET, 1997.

SANTOS, José Luis dos **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense,, 1994.

SANTOS, Milton. Nova Urbanização – Diversificação e Complexidade. In: **A Urbanização Brasileira** 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente A Trajetória do MST e a Luta pela Terra no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

TAVARES, Hermano. Unicamp e MST. Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 07/07/1999.

TYGEL, Daniel.(org.) O MST na Unicamp, boletim, novembro, 1999.

THOMPSON, Edward Paul. O termo ausente: Experiência. In: **A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros; Uma Critica ao Pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TORRENS, José Carlos. O Processo de Construção das Linhas Políticas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. In: MEDEIROS, Leonildes Sévolo (Orgs.) **Assentamentos Rurais: Uma Visão Multidisciplinar**. São Paulo: Unesp, 1994 .

VASCONCELLOS, Eduardo. **A População Rural e acesso à educação no Estado de São Paulo: Análise da Política Pública. 1992** Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação -- Universidade de São Paulo.

VOESE, Ingo. **O Movimento Dos Sem Terra na Imprensa: Um exercício de análise do discurso.** Injuí: Injuí, 1998.

Bibliografia Consultada

AMARAL, Marina. Justiça da Elite. **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, número 6, p. 14-15, outubro, 2000.

BARROS, João de. A República Socialista da Fronteria. **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, número 6, p. 16-19, outubro, 2000.

_____.Entrevista com Jaime Amorim **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, número 6, p. 30-33, outubro, 2000.

_____.Reforma no Sertão. **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, número 6, p. 24-28, outubro, 2000.

_____.Vida no Acampamento. **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, número 6, p. 4-13, outubro, 2000.

Cadernos de Educação, Número 3, Coleção Fazendo Escola, Porto Alegre, 2000. **Construindo o caminho numa escola de assentamento do MST.**

Correio Popular. Jovens Sem-Terra têm aula de cultura, 07/07/1999.

JUNIOR, José Arbex. O 4º congresso, em Brasília. **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, número 6, p. 36-37, outubro, 2000.

Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. **Relatório de Atividades 1998 – 1999**. A Escola do campo, Brasília, 1999.

MIRANDA, Adriana. MST Anuncia nova marcha para Brasília. Correio Popular 07/07/1999.

_____. Sem-Terra defendem Universidade. Correio Popular, 13//07/1999.

_____. Sem-Terra farão curso ma Unicamp. Correio Popular, 03/07/1999.

OLIVEIRA, Paulo. MST e Unicamp. Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 14/07/1999.

RABELO, Léia. Foices, bandeiras e sonhos de sem teto na Unicamp. Correio Popular, 03/07/1999.

SEVERIANO, Mylton, Perfil de Dan Baron, um aliado. **Caros Amigos.** São Paulo: Casa Amarela, número 6, p.35-36, outubro, 2000.